



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO EM PRODUÇÃO E CULTURA**

ELBA CAROLINE SANTOS CONCEIÇÃO

**EDUCOMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DOS ALUNOS DA
ESCOLA ESTADUAL MARIO COSTA NETO**

Salvador
2013

ELBA CAROLINE SANTOS CONCEIÇÃO

**EDUCOMUNICAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DOS ALUNOS DA
ESCOLA ESTADUAL MARIO COSTA NETO**

Monografia apresentado à Banca de Examinadora do Curso de Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura. Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação com habilitação em Produção em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Simone Bortoliero

Salvador
2013

AGRADECIMENTO

A Deus, por dar-me uma vida plena, e onde busquei força para minha caminhada.

Aos meus pais, Raimundo Conceição e Dinalva Conceição, por todo apoio, dedicação e confiança, aos meus irmãos.

A minha família, que com muito carinho e apoio não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

À professora Simone Bortoliero, pelo apoio na orientação e impulso que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Ao professor Nelson Pretto, pelo incentivo, pela compreensão e pela amizade.

A Thiago Lopes por acreditar na minha capacidade e por toda sua paciência.

Aos alunos, professores e a direção da Escola Estadual Mario Costa Neto, por acolherem meu projeto e por participarem.

Aos amados amigos da Facom, aos queridos do Teatro SESI e todos meus amigos, agradeço pelo incentivo e pelo apoio constantes.

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire (1996)

CONCEIÇÃO, Elba Caroline Santos. **Educomunicação**: Um Estudo de Caso dos Alunos da Escola Estadual Mario Costa Neto. 2013. 71f. Monografia (graduação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

RESUMO

A inter-relação entre a comunicação e a educação se legitima como um novo campo de estudo, a Educomunicação, que busca o diálogo entre as duas áreas. Segundo Soares (2011) a comunicação deve ser essencialmente dialógica e participativa, no espaço do ecossistema comunicativo escolar, mediada pelo professor/aluno/comunidade escolar, maximizando as possibilidades de aprendizagem. Dentro desse aspecto, este trabalho de metodologia qualitativa, tem como objetivo avaliar o uso do método da educomunicação, através da realização de uma oficina de vídeo para alunos da 9º ano do ensino fundamental II de uma escola estadual na cidade de Salvador-BA. Desse modo, o trabalho procura compreender se há contribuições no processo de ensino/aprendizado quando novas tecnologias são inseridas ao ambiente escolar no ensino em sala de aula. A pesquisa foi realizada na escola Estadual Mário Costa Neto com os alunos da 8º série, foi produzido um total de cinco vídeos relacionados à disciplina de história, guerra de canudos, guerra do contestado, revolta da vacina, revolta da chibata e cangaço. Os resultados obtidos com a pesquisa mostraram que o método da educomunicação facilitou a criação de conteúdo audiovisual pelos alunos, que possibilitou que os alunos juntamente com os professores pudessem criar conteúdo relacionado aos assuntos de história.

Palavras-chave: Educomunicação. Comunicação. Educação. Novas Tecnologias.

LISTAS DE IMAGENS/FOTOGRAFIA

- FIGURA 1** - Ilustração: Evolução da Escola Mario Costa Neto P.25
- FIGURA 2** – Fotografia - Sala de informática – Escola Estadual Mario Costa Neto P.31
- FIGURA 3** – Fotografia - Exibição de vídeos para alunos da 8º série. P.39
- FIGURA 4** – Fotografia - Edição vídeo – Revolta da Vacina P.41

LISTA DE ABREVIÇÕES

ECA/USP – Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo

EJA – Ensino de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FACED - Faculdade de Educação

GEC - Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias

Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

MEC – Ministério da Educação

NCE/USP - Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo

NTE - Núcleo de Tecnologia Educacional

PISA - Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes

ProInfo - Programa Nacional de Informática na Educação

SAEB - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

UFBA – Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I – TEÓRICO: CONCEITUAR EDUCOMUNICAÇÃO	11
1 CONCEITUANDO EDUCOMUNICAÇÃO	11
2 ECOSSISTEMA COMUNICATIVO	14
3 A COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO.	16
4 ESTUDO DE CASO E PESQUISA QUALITATIVA.	20
CAPÍTULO II – OBJETO: HISTÓRICO DA ESCOLA	24
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE PESQUISA	31
5 OS ALUNOS E A ESCOLA MÁRIO COSTA NETO	32
6 DEFINIÇÕES DA ESTRUTURA DA PESQUISA.	38
6.1 PROCESSO EM SALA DE AULA	39
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS: PESQUISA QUALITATIVA, ENTREVISTAS, PROCESSO DE EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS, HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE MATERIAL, VÍDEOS DOS ALUNOS.	50
7 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS	50
8 OBSERVAÇÕES QUANTO A ESCOLA.	52
9 OFICINA DE VÍDEO	55
10 PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS VÍDEOS	55
11 EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS	57
ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS.	60
REFERÊNCIAS.	66
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES	70
APÊNDICE B – FOTOS DE REGISTRO	71
APÊNDICE C – VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS	72
ANEXO A – VIDEOS APRESENTADOS AOS ALUNOS	74

INTRODUÇÃO

Uma das principais características da sociedade moderna são as constantes transformações, a velocidade de circulação de informação, o avanço das ciências e tecnologias, que se dão de forma cada vez mais acelerada e constante. O campo da educação, assim como todas as áreas do conhecimento, deve se inserir e interagir com essas transformações.

Os métodos tradicionais de ensino e aprendizado utilizados nas escolas já não são mais suficientes, pensando no mundo de conexões múltiplas no qual vivemos hoje, nessa perspectiva surge um novo campo de pesquisa: a “educomunicação”, a inter-relação entre a comunicação e educação. Segundo Soares (2009), a educação estava se usando das tecnologias da comunicação, o que se transformou em um elemento de integração entre estas áreas, mas os desafios desses profissionais denominados de educadores vão muito além do que a incorporação de aparatos tecnológicos em sala de aula, essas ferramentas tecnológicas não podem ser pensadas apenas como auxiliadoras nos processos educacionais tradicionais de ensino é preciso fazer uma verdadeira revolução nos métodos educacionais.

Programas pedagógicos que pensem somente na lógica de transmissão de conteúdos, não são suficientes, é necessário o desenvolvimento do senso crítico dos alunos para que eles junto aos professores possam contribuir nos processos de aprendizados, mas também é necessário pensar na formação desses professores, pois os alunos de hoje já nasceram inseridos no mundo digital, e a maioria dos professores ainda têm muitas dificuldades para se apropriar e utilizar de forma correta das novas tecnologias nos processos de ensino.

Muito se fala nas transformações do mundo moderno, da sociedade da informação, da era digital, da interdisciplinaridade, mas o que vemos nas escolas ainda são os velhos métodos de ensino, é preciso ter um fluxo maior e continuado nas ações do uso dessas novas tecnologias comunicacionais para que haja um fortalecimento e aperfeiçoamento dessa área. A escola está em um novo momento, inserida em um ecossistema comunicativo, como explica o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE USP): “O conceito da

educomunicação propõe a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar”(GALLO, 2013)¹.

Paulo Freire já pensava nessa transformação necessária da educação junto à comunicação, na mediação das duas áreas. Segundo Freire (1979), “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. O que a educomunicação propõe não é romper com o método tradicional de ensino e de forma revolucionária resolver todos os problemas da educação, mas entender que a escola não é o único lugar onde está o conhecimento, existe outros meios de aprendizagem que podem interagir com o ambiente escolar e se tornar assim um lugar de socialização entre alunos e professores, pensando na formação cidadã desses alunos.

No capítulo um é traçado uma abordagem teórica sobre os autores que contribuem com suas pesquisas para a formação desse trabalho, também, é conceituado de forma mais ampla o método da educomunicação, apresentando à metodologia de pesquisa, o estudo de caso e uso de pesquisa qualitativa, no qual o trabalho está configurado. No segundo capítulo é apresentado ao leitor o espaço onde se dá a pesquisa qualitativa, os métodos e materiais utilizados para sua realização, a experiência com os alunos em sala de aula, a aplicação do questionário, contendo dez perguntas, com os professores, entrevistas com os alunos e realização da oficina de vídeo. O terceiro capítulo é desenvolvido, de forma ampla, a construção da formação teórica do trabalho, as pesquisas à cerca dos estudos de Martín Barbero (2000), Paulo Freire (1979/2000), Mario Kaplún (1985) e outros educadores e pesquisadores da área da educação e da comunicação. O quarto capítulo apresenta os dados das pesquisas realizadas durante o processo de

¹ GALLO, Janaina. Local. Disponível em:< <http://www.unicentro.br/redemc/2012/artigos/42.pdf> >. Acesso em: 21 de junho de 2013.

construção do projeto e todo material obtido para construção do trabalho. Nas considerações finais são expostos os resultados obtidos, experiências adquiridas e novas indagações.

a) *Objetivo*

O presente trabalho busca, através das reflexões dos estudos da educomunicação, compreender como o uso de tecnologias no ambiente escolar configura ecossistemas comunicativos, criando relações mais próximas entre alunos e professores.

b) *Objetivos Específicos*

Avaliar como o uso de recursos comunicacionais como vídeos, sites, entre outros elementos, pode ampliar o diálogo em sala de aula, criando assim um novo espaço de interação onde aluno e professor tornam-se coautores na construção do conhecimento. Possibilitar a ampliação do diálogo Professor-Aluno através da criação de vídeos, como alternativa capaz de contribuir como ferramenta pedagógica mais dialógica e eficaz para professor e alunos.

Minha aproximação com o tema ocorre da participação do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC) na Faculdade de Educação (FACED-UFBA). O grupo foi criado pelo Professor Nelson Pretto em 1994, estuda a presença das tecnologias na educação, buscando a disseminação do uso dessas tecnologias na perspectiva estruturante e condizente com as características da *cibercultura*. Participo do grupo desde 2010, onde também sou bolsista do professor Nelson Pretto no projeto *Memória em vídeo da educação na Bahia*. O Projeto de pesquisa, ensino e extensão resgata a história de vida de educadores baianos e disponibiliza esses depoimentos para uso aberto. Participando das atividades do GEC comecei a pesquisar e indagar questões sobre a presença das chamadas “novas tecnologias” em sala de aula e como esse processo vem sendo desenvolvido e compreendido por alunos e professores nas escolas.

CAPÍTULO I – TEÓRICO: CONCEITUAR EDUCOMUNICAÇÃO

1 CONCEITUANDO EDUCOMUNICAÇÃO

O termo educomunicação passou a estar mais presente em estudos de pesquisadores da área de comunicação e de educação no ano de 1999, através de estudos do Núcleo de Comunicação e Educação da ECA/USP, sendo divulgado e fortalecido através de publicações da revista *Comunicação & Educação* editada pelo Núcleo da ECA. O conceito de educomunicação é entendido por Soares (2009) como o conjunto das ações de caráter multidisciplinar voltadas ao planejamento e à implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos nos distintos espaços educativos – dos não formais aos formais –, de forma a garantir condições de expressão a todos os membros das comunidades educativas, envolvendo, em igualdade de condições, gestores, comunicadores, receptores e educandos, especialmente crianças, adolescentes e jovens.

O termo educomunicação vem se difundido entre vários pesquisadores que estudam a inter-relação educação/comunicação, mas ainda não é adotado por todos, há outros termos utilizados para conceituar estudos dessa área, como Baccega (2009), em publicação na própria revista *Comunicação & Educação*, expõe que estudiosos como Marques de Melo & Tosta (2008) usa o termo *Mídia & Educação* para conceituar a educação/comunicação. Pensar qual melhor termo a ser utilizado para definição desse novo campo de pesquisa não é o que mais importa nesse estudo e sim a relevância de entender e aplicar esse novo campo de pesquisa no nosso sistema de educação, compreendendo que é necessário existir uma *dialogicidade* entre a educação e a comunicação. A criação do curso superior na Universidade de São Paulo, licenciatura em educomunicação, veio fortalecer ainda mais esse novo campo, e formar educadores capacitados a dominar as teorias e conhecimentos próprios da educação e da comunicação. Assim, para Soares (2009, p. 1), “educador é o profissional que demonstra capacidade para elaborar diagnósticos e de coordenar projetos no campo da inter-relação Educação/Comunicação”.

Estamos em meio a uma nova geração, a relação de ensino e aprendizado precisa ser o centro desse novo momento, é necessário fortalecer os jovens, desenvolver senso crítico e autonomia para que essa juventude tenha condições de expressar seus anseios e lutar pelo mundo que deseja e, isso se dá através da educação, uma nova relação entre professor e aluno precisa ser formada, relação essa que tornem as aulas mais participativas e interessantes, que traga diálogo e integração da comunidade onde esse jovem está inserido. Para que essa transformação aconteça, a comunicação e as novas tecnologias são fortes ferramentas colocadas a serviço da educação.

A pesquisadora Jacquinet (1998) defende a ideia de que o educador é um professor do século XXI, pois integra diferentes meios nas práticas pedagógicas. Esse profissional inovador, que tem conhecimento perspicaz de duas áreas, a comunicação e a educação, deve quebrar esse monopólio existente entre o professor e aluno, é necessária a criação de ambientes abertos e democráticos melhorando assim o coeficiente desses alunos, que vão se sentir parte do meio onde se encontram, podendo melhorar as ações educativas através da comunicação.

Segundo Barbero (1997), a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob o escudo da modernização tecnológica. O desafio é como inserir na escola um ecossistema comunicativo que contemple ao mesmo tempo: experiências culturais heterogêneas, o entorno das novas tecnologias da informação e da comunicação, além de configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo de aprendizagem conserve seu encanto.

Para Soares (2007) a educomunicação significa uma relação entre a comunicação e a educação, e não deve ser vista como um campo fechado, pois está constituída nos conceitos da interdisciplinaridade. Isso ganha força quando utilizamos o conceito de Paulo Freire (1979), um dos precursores da inter-relação comunicação/educação. Em *Extensão ou Comunicação* o autor afirma que os processos comunicativos se inserem no ideal do agir pedagógico libertador, entendendo o ser humano como um “ser de relações”, neste contexto a

comunicação é entendida como elemento do processo educativo transformador. Se a educação é esta relação entre sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível, na qual o educador reconstrói, permanentemente, seu ato de conhecer, ela é necessariamente, em consequência, um que fazer *problematizador*. (FREIRE, 1979, p. 56).

Outro teórico importante para os estudos da educomunicação é o pesquisador Argentino Mário Kaplún, ele foi um grande defensor da ideia de que a comunicação só funciona se for feita através do diálogo, e acredita que a comunicação e a educação são dependentes uma da outra, não se pode pensar esses dois campos separadamente. Ao longo de seus estudos Kaplún sempre defendeu a democratização da comunicação, lutando para dar voz às minorias, criando formas para isso se tornar real, como o uso do método “cassete-fórum”, que era um sistema comunicativo, onde se utilizava uma fita cassete, e os grupos populares gravavam mensagem em um lado da fita e mandavam para outro grupo, que respondia usando o outro lado da fita, assim os problemas eram divididos e os populares expressavam suas ideias e opiniões sobre seus próprios problemas. O modelo de comunicação predominante é justamente o contrário, não há espaços para movimentos populares dialogar com a mídia.

Segundo o autor o modelo “emissor-receptor” é falso, pois não existe diálogo entre eles, pois não se estabelece uma real comunicação, só há transmissão de informação, não ocorre diálogo. Partindo para educação acontece o mesmo, o professor transmite informação ao aluno sobre assuntos diversos, mas o aluno não participa do processo de construção de conhecimento e nem traz novos diálogos sobre o assunto debatido em sala de aula. Como explica Kaplún:

A El emisor es el educador que habla frente a un educando que debe escucharlo pasivamente. O es el comunicador que sabe emitiendo su mensaje (su artículo periodístico, su programa de radio, su impreso, su vídeo, etc.) desde su propia visión, con sus propios contenidos, a un lector (u oyente o espectador) que no sabe y al que no se le reconoce otro papel que el de receptor de la información. Su modo de comunicación es, pues, el nacional MONÓLOGO. (KAPLÚN, 1984, p.18)²

Para Kaplún a comunicação tem um papel muito maior do que somente transmitir informação, ela deve promover o diálogo, a formação e difundir o conhecimento, mas essas ações dificilmente estão presentes na comunicação de massa. Pensando na educação a comunicação deve estimular debates, os alunos devem interagir com a mensagem, não apenas aceitá-la.

2 ECOSISTEMA COMUNICATIVO

O “ecossistema comunicativo” pensado através dos conceitos da educomunicação é caracterizado por desenvolver espaços abertos, criativos e comunicativos nos ambientes escolares. Pesquisadores como Pierre Levy (1993) e Martin Barbero (2000) também se utilizam do termo “ecossistema comunicativo” em seus estudos. Pierre Levy trouxe, em seu livro, traduzido para português *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* (1993), uma abordagem sobre o surgimento de uma nova ciência que é definida como “ecologia cognitiva”, que resulta em redes que ligam pesquisadores, autores das ciências humanas, biológicas e exatas. O autor defende a ideia que o “eu” não pode ser inteligente sozinho, as pessoas devem estar interligadas através da coletividade cognitiva, que se caracteriza pela interação dos seres humanos, mas essas relações não são formadas apenas pela sociedade, mas pelas tecnologias, pelas redes de comunicação integradas a elas.

Martin Barbero (2002) discorre o conceito de “ecossistema comunicativo”, não pensando apenas no sentido das comunicações e tecnologias, ele abrange o conceito a toda forma de linguagem e representações narrativas que envolvem a

² “A O emissor é o educador que fala contra o aluno deve ouvir passivamente. Ou é o comunicador que sabe transmitir sua mensagem (o artigo de jornal, o rádio, a sua impressão, vídeo, etc.) Da visão própria, seu próprio conteúdo a um leitor (ou ouvinte ou telespectador) não sei e para o qual nenhum outro papel é reconhecido que o receptor da informação. Seu modo de comunicação é, portanto, o monólogo” (Tradução livre).

vida cotidiana de toda sociedade. Segundo o autor quando se pensa na relação educação e comunicação, a comunicação sempre é reduzida apenas como instrumento ou meio de informação, é necessário que a educação esteja inserida nos processos de comunicação da sociedade em geral, e pensar o ecossistema comunicacional como um lugar de educação difuso e aberto, pois deve estar composto por diversos tipos de linguagens que integram vários tipos de meios de comunicação, mudando o centro, que antes era somente o livro e a escola. Em *La education desde la comunicacion*, Barbero (2002), é descrito como a escola deve ver os meios de comunicação: "a escola deve se preocupar menos nas consequências ideológicas e morais dos meios de comunicação e pensar mais nos ecossistemas comunicativos, que é formado pelo conjunto de linguagens, escritas, representações e narrativas que alteram a percepção."

A escola precisa acompanhar as mudanças do considerado "mundo moderno" e se abrir para a entrada de novas tecnologias, assim como também a cultura da sociedade da informação deve estar inserida nessa mudança para que as transformações ocorram de forma enraizada dentro do ambiente escolar. O desafio proposto por Barbero (1996) em seus estudos sobre "ecossistema comunicacional" é tentar inserir no ambiente escolar as novas tecnologias de forma que estejam ligadas às experiências culturais da comunidade, onde a escola esteja inserida, sem perder o encanto do processo educacional de ensino e aprendizado, que envolva alunos, professores, pais e a comunidade em geral.

Para Soares (2002) a criação de "verdadeiros ecossistemas comunicativos", dentro do ambiente escolar, será necessária uma preocupação com a relação entre a sociedade e, também, garantir o acesso e uso de forma apropriada das tecnologias da informação. É preciso pensar em ações na perspectiva da gestão comunicativa, em ambientes apropriados, ferramentas tecnológicas necessárias, educadores especializados e alunos inseridos de forma democrática nesse processo de educação comunicacional. É preciso promover a democracia no diálogo entre alunos e professores buscando assim uma harmonia nos ambientes educacionais, e esse equilíbrio não deve se dar apenas pensando na inserção de novas tecnologias, mas também em elementos culturais e de cidadania.

Freire já afirmava a importância da comunicação entre os seres humanos, os processos comunicacionais também são essenciais dentro da escola e na sala de aula, é preciso que exista uma relação igualitária e dialógica para que haja uma verdadeira transformação no processo de ensino e na prática social. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1979, pag. 69).

3 A COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO.

Quando pensamos em comunicação surge à necessidade de compreender as relações entre emissores e receptores das mensagens, para observar os impactos sociais dos meios de comunicação de massa, buscando compreender o papel que esses meios ocupam na sociedade. Os meios de comunicação de massa se tornaram de total importância na mediação das relações sociais, como desenvolve Jesus Martín-Barbero em sua teoria -“teoria das mediações”, que procura compreender os processos comunicacionais a partir dos dispositivos socioculturais que compreendem a emissão e recepção das mensagens.

A verdadeira proposta do processo de comunicação e do meio não está nas mensagens, mas nos modos de interação que o próprio meio – como muitos dos aparatos que compramos e que traz consigo seu manual de uso – transmite ao receptor. (BARBERO, 2002, p. 55).

Antes os estudos sobre recepção colocavam os meios de comunicação como protagonistas centrais nos processos comunicacionais, preocupando-se apenas como se dava a manipulação da audiência, sem pensar no receptor e em seus aspectos socioculturais. Barbero (2002) é um dos principais nomes do deslocamento dos estudos da recepção, ele observou que os meios de comunicação não transformam o ser humano em um receptor passivo, o receptor não é dominado pela mídia, pois entre os dois existe uma constante de interação e troca comunicacional. A preocupação em compreender a formação de receptores frente aos meios comunicacionais se torna de fundamental importância, assim como também é necessário se pensar como os modos de recepção podem alterar a percepção dos alunos diante do ensino em sala de aula, aliando também a outra questão fundamental, que diz respeito de como os professores podem se adequar e

acompanhar os avanços comunicacionais tecnológicos de forma saudável e colaborativa no ambiente escolar são preocupações que devem fazer parte dos estudos que relacionam a educação e a comunicação.

O uso de mediações tecnológicas nas práticas de ensino facilita e harmoniza a compreensão e o interesse dos alunos em sala de aula, por ser uma linguagem presente no cotidiano de todos, mas ao mesmo tempo é um recurso novo no ambiente escolar, por isso é necessário que os professores saibam manipular de forma adequada esses aparatos tecnológicos junto aos seus alunos para que esses recursos comunicacionais ampliem as possibilidades de expressão dos alunos no processo de ensino/aprendizado. É necessária uma visão dialética a respeito da presença das novas tecnologias nos espaços educacionais, pois estamos vivendo constantes transformações dos modelos comunicacionais, os meios de comunicação estão se tornando cada vez mais distribuídos e presentes no cotidiano de todos que vem transformando e desestruturando as formas da educação tradicional.

Inserir os novos meios comunicacionais no ambiente escolar traz a possibilidade de melhoria na relação aluno/professor, com a inserção das novas tecnologias é possível uma aproximação maior no universo do aluno. Para Marília Franco é preciso possibilitar que todos os cidadãos das instituições educativas possam utilizar a mídia e os recursos tecnológicos de comunicação contemplando assim a inserção de uma nova linguagem que incentiva o diálogo a partir de novas habilidades.

É definitivamente um prazer de ver/ouvir a grada mágica sedutora das linguagens audiovisuais. Por isso mesmo tão persuasiva e pedagógica [...]A escola precisa encontrar na parceria com o audiovisual, a forma de resgatar a alegria do contato humano entre professores e alunos. (FRANCO, 1997, p. 34)

A escola precisa estar próxima do sistema dos meios de comunicação de forma crítica e harmônica. A inter-relação entre comunicação e educação cria oportunidades de alunos e professores de se expressarem de forma criativa e flexiva através de diferentes linguagens e suportes comunicacionais. E as consideradas novas tecnologias (computador, *notebook*, *tablet*, câmeras, celulares, etc), estão disponíveis para serem usados através das teorias da comunicação e de um plano pedagógico, dentro e fora dos ambientes escolares.

Essa nova prática pedagógica é um desafio para os educadores, além de muitas escolas, especialmente as de ensino público, por elas não possuírem esses suportes tecnológicos, muitos professores não sabem manuseá-los, quando sabem isso só não basta, pois é necessário saber como utilizar esses equipamentos de forma pedagógica que tragam benefícios, aprendizado e participação dos alunos. Já existem muitos projetos nas escolas, se pesquisarmos vamos nos deparar com projetos de rádio, projetos de audiovisuais, projetos culturais, entre tantos outros, mas essa nova forma de enxergar a escola precisa se tornar global, tem que ser visto como um novo modelo de educação que faça parte da escola, que seja incorporada pelos alunos e professores.

Para Mário Kaplún uma comunicação educativa e participativa é fundamental para formação crítica do sujeito, mas essa formação não é tão simples, para que o receptor se torne crítico aos meios de comunicação de massa é preciso entender todo o processo de comunicação, não basta ter acesso às informações, é preciso participar da construção dessa informação. Para a formação desses jovens críticos, seria necessário um investimento na cultura comunicativa desde muito cedo dentro das escolas, à leitura crítica da mídia deveria ser feita ainda na infância com a colaboração dos professores, dando a esses alunos possibilidades de compreender os mecanismos do processo de comunicação, permitindo que esses alunos possam também elaborar conteúdos midiáticos e assim entender como funcionam os meios de comunicação. Simone Bortoliero, pesquisadora da área de comunicação, discorre sobre o exercício da crítica frente aos modos de recepção:

O exercício da crítica na recepção não é algo fácil de realizar, pois o acesso à informação não garante que as pessoas sejam mais ativas e participantes. Neste sentido, Kaplún afirma que a criticidade é algo que não se pode ensinar, nem aprender, que não se pode transmitir como se transfere um teorema de matemática ou uma fórmula química. Para ele a capacidade crítica não se recebe de outro; se exercita e que, portanto, deve ser um processo de autodescobrimento. (BORTOLIERO, 2006. Pag.7)

A comunicação precisa ser vista como instrumento pedagógico, não apenas como ferramenta midiática, o ensino precisa perder seu modelo memorista, é preciso valorizar o coletivo, a cultura. O professor não pode ser mais o único detentor de conhecimento, a escola não pode continuar fechada, é preciso se abrir para diversas formas de conhecimento que nos são oferecidas no mundo moderno, e para que

essa informação chegue para os alunos de forma coesa o professor precisa estar preparado e aberto para o diálogo desses novos meios de conhecimento.

A informação é compartilhada de forma muito veloz, e todos os indivíduos podem estar produzindo e difundindo informações através de *blogs*, redes sociais, que é transmitido por qualquer pessoa de qualquer lugar do mundo. As crianças e jovens que já nasceram nesse mundo de informações mútuas, muitas vezes acabam se perdendo nessas conexões, onde tudo parece possível e alcançável. Com o surgimento da internet e a difusão de seu uso o número de informações que podemos encontrar na rede ultrapassa os limites que delimitam cidades, países e continentes, todos podem estar conectados e interligados a partir da internet. O filósofo Pierre Levy, faz um estudo sobre o *hipertexto* que define como processo de escrita e leituras não lineares, que permite a conexão de várias informações dentro de um mesmo assunto. Quando um jovem faz uma pesquisa na internet através de sites de buscas ele irá encontrar várias definições e ramificações de um mesmo tema. Quando o professor traz um assunto em sala de aula, não deve tratar sua definição como verdade absoluta, é necessário que ele esteja aberto para novos significados trazidos pelos alunos, gerando o diálogo sobre o tema em sala de aula, onde tanto o aluno quanto o professor seja capaz de expor informações, definições e conceitos. Pierre Levy, no livro *As tecnologias da inteligência*, explica o conceito de hipertexto, que são conjuntos de conexões complexas que podem organizar dados e conhecimentos.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LEVY, 1993, p. 33)

Para a escola superar todos os desafios, que a nova pedagogia traz, é preciso capacitar os professores, para a aplicação de práticas pedagógicas que incluam o uso dessas novas tecnologias. Muitos desses alunos possuem habilidades com essas ferramentas, elemento que facilita o processo dialógico e torna a relação aluno professor mais próximo. Este processo ao deslocar o professor do antigo

paradigma pedagógico, onde o mesmo era visto como detentor do conhecimento, constrói e aponta para um novo paradigma comunicacional e educacional. O professor, neste novo paradigma, não é mais visto como o detentor do conhecimento, todos no ambiente escolar e fora dele pode interagir de forma harmônica e em conjunto.

É importante desenvolver cada vez mais habilidades e conhecimentos que muitas vezes os próprios alunos achavam não possuir, pois sempre estavam imersos em aulas, consideradas longas e chatas, onde só o professor falava e o aluno não participava, não colaborava e nem argumentava, logo não se sentia parte daquele ambiente. Esse novo campo de estudo e pesquisa, a educomunicação, quer trazer um novo jeito de educar e aprender, resgatar a importância do diálogo, da interação e da cidadania, aproximando o jovem da escola, dos professores e da comunidade onde aquela escola está inserida.

4 ESTUDO DE CASO E PESQUISA QUALITATIVA.

Para validar essa pesquisa, foi escolhida para um Estudo de Caso a *Escola Estadual Mário Costa Neto*, situada no Bairro da Federação, no parque São Braz, na Rua Engenheiro Jaime Zaverucha, Salvador - Bahia. No turno matutino e vespertino a escola atende alunos do ensino fundamental II (6º ao 9º Ano), com cerca de 600 alunos, e a noite a escola oferece o curso do ensino médio para alunos do EJA (Educação de Jovens e Adultos) com cerca de 130 alunos.

A escolha dessa escola se deu por ser uma escola de ensino público, onde as ferramentas tecnológicas estão menos inseridas no ensino e no dia a dia da escola, por conta de falta de verbas, espaços e formação dos professores. Na escola Mário Costa Neto há computadores em uma sala de informática para que os alunos a utilizem, porém a sala de informática está ativada em uma pequena sala improvisada por falta de espaço na escola, está prevista a construção de três novas salas, segundo a diretora da escola Maria Lúcia de Souza Oliveira.

Para fazer a investigação sobre a utilização de ferramentas tecnológicas na sala de aula foi escolhida a turma da 9º Ano do ensino fundamental, por se tratar de uma turma mais madura e que irá passar por transição para o ensino médio e

precisa desenvolver um relacionamento mais crítico frente aos meios de comunicação e utilização de ferramentas tecnológicas para auxiliar em seus processos de aprendizado. Para poder fechar ainda mais a pesquisa, foi escolhida uma turma da 9º ano e através da disciplina de história³ foi aplicado à pesquisa necessária para construção desse trabalho, utilizando-se dos ensinamentos da educomunicação e de pesquisadores que estudam a inter-relação da educação e comunicação.

O estudo de caso segundo Bogdan e Biklen presente no livro *Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas*. “Consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (BOGDAN & BIKLEN, 1999, p. 89). O estudo de caso que compõe essa pesquisa se dá no âmbito do campo educacional, buscando compreender através da ação educativa como aparatos tecnológicos podem auxiliar nos processos pedagógicos de ensino e aprendizado no ambiente escolar. A escolha da disciplina de história se deu por uma aproximação com a matéria, pensando nas diversas possibilidades para estudar temas relacionados à história do Brasil e do mundo.

- 1) Primeiramente foi feita uma pesquisa com os professores para saber se eles utilizam tecnologias⁴ em suas aulas. Se sim, por que usam, e se acreditam que a utilização dessas ferramentas melhora o ensino e o aprendizado dos alunos, aumentando o interesse e participação em sala de aula. Esse estudo de caso terá como base as características da pesquisa qualitativa, que possui um caráter exploratório, que permite a observação do ambiente pesquisado de forma livre, dando liberdade para que os entrevistados exponham suas opiniões sobre o tema pesquisado. É permitido também a interpretação do pesquisador sobre os resultados e ambiente pesquisado - pois o pesquisador de forma indutiva através dos dados coletados não precisa provar uma teoria,

³ Disciplina curricular obrigatória.

⁴ Nota do Autor: Entendam-se aqui tecnologias como os equipamentos de acesso, transmissão, gravação, edição, captação e apresentação de imagens, audiovisual, sons e etc, além de dispositivos de comunicação, pesquisa, compartilhamento e divulgação.

mas compreender como se dá o processo, entender o processo é o mais importante e não o produto final.

- 2) Foram observadas as aulas de história para uma ambientação com a turma, promovendo a inserção do pesquisador na sala de aula, tendo como foco também o comportamento dos alunos – primeiras impressões - em sala de aula e como a professora expõe os assuntos para a classe.
- 3) Para dar início a realização da oficina de audiovisual foi exibido, por mim e pela professora de história, em sala de aula, vídeos sobre: a *Guerra de Canudos*, *Guerra do Contestado*, *Revolta da Vacina*, *Revolta da Chibata* e *Cangaço*. São pequenos vídeos de diferentes formatos, produzidos por alunos de outras escolas, que teve por objetivo didático introduzir, gerar debate e estímulos, e assim dar início a criação de ideias para que os alunos produzam seus próprios vídeos.
- 4) Foi realizada uma oficina de audiovisual, explicando os processos para realização de um curta⁵ e depois os alunos construíram um roteiro para seus vídeos, utilizando aparelhos celulares, fizeram um pequeno vídeo sobre os assuntos abordados pela disciplina de história cujo tema é *Revoltas sociais no Brasil do séc. XIX e XX no período Republicano*, possibilitando que os alunos criassem conteúdos sobre o tema proposto a partir de outro formato que é o audiovisual.

É importante evidenciar os objetivos gerais da disciplina de História para o Ensino Fundamental de acordo ao Parâmetro Curricular Nacional, tais objetivos conduziram o processo didático da oficina no intuito de reforçar o caráter pedagógico. De acordo ao PNC, espera-se que, ao longo do ensino fundamental, os alunos gradativamente possam ler e compreender sua realidade, posicionar-se, façam escolhas e atuem criteriosamente. Nesse sentido, os alunos deverão ser capazes de:

- Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços;

⁵ Nota do Autor: Entenda-se aqui **Curta** como vídeos de curta-metragem com duração até 30 minutos.

- Organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado;
- Conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;
- Reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
- Questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação políticas institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;
- Utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros;
- Valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia.

CAPÍTULO II – OBJETO: HISTÓRICO DA ESCOLA

A Escola Mário Costa Neto foi escolhida como campo para realização dessa pesquisa, escola Estadual fundada no ano de 1973 e atende no turno matutino e vespertino alunos do 6º ao 9º Ano do ensino fundamental II e no turno noturno oferece o programa Educação para Jovens e Adultos, para o ensino médio. No ensino fundamental I e II, a escola recebe 614 alunos regulares e no ensino médio 138 alunos.

A escola está localizada na cidade de Salvador, no bairro da federação, Rua Engenheiro Jaime Zaverucha, número 40. A atual (2013) diretora da escola é a professora Maria Lúcia de Souza Oliveira que está na direção há quinze anos, a escola conta com vinte professores e oito funcionários que se divide em limpeza, portaria e vigilância. No ano de 2012 a escola recebeu de investimento o valor de R\$1.729.260,00 para gasto com funcionários, terceirizados, manutenção, alimentação escolar, água, energia e recursos diretos na escola, dados obtidos no site da secretaria de educação de Salvador.

Estes elementos (recursos físicos, recursos pessoais e quantidade de alunos), independente da quantia de recurso investido, configura a escola dentro do padrão básico da Rede Estadual levando em consideração as demais escolas do entorno e outras escolas da cidade de Salvador do mesmo porte.

Por conta da greve dos professores estaduais no ano de 2012, o ano letivo de 2013 teve início no dia 01 de Abril de 2013, com previsão de término do ano letivo para o dia 21 de Janeiro de 2014, porém no calendário divulgado no começo do ano, pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, não constavam recessos relacionados à Copa das Confederações⁶ que acontece esse ano no Brasil, tendo jogos na cidade de Salvador, assim é provável que ocorra mudanças no calendário escolar.

⁶ Copa das Confederações: evento esportivo futebolístico que antecede os jogos da Copa do Mundo. (FIFA. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/worldcup/index.html>>. Acesso em: 01 de agosto de 2013).

Houve muitos atrasos para o início da pesquisa de campo na Escola Mário Costa Neto. O primeiro contato com a escola foi no dia 20 de maio de 2013, onde aconteceu a primeira conversa com a diretora Maria Lúcia e tinha a intenção de começar a pesquisa imediatamente, porém a escola se encontrava em uma reforma de caráter de urgência por sérios problemas na rede elétrica que não permitia a continuação do ano letivo normalmente. Recebi informações da direção que a reforma iria durar duas semanas e logo depois as aulas retornariam a sua normalidade, todavia como é comum em obras, devido a fatores não previstos, houve atrasos e a reforma se estendeu por três semanas. Durante o tempo da reforma continuei mantendo contato com a diretora da escola através de e-mail para saber a data do retorno das aulas.

No dia 10 de julho de 2013 ocorreram à volta as aulas na Escola Mário Costa Neto, estive na escola nesse dia pela manhã e conversei com a vice-diretora Luciana e com a professora de história Maria Liliam, expliquei minha pesquisa, porém ainda não pude dar início à pesquisa de campo, pois a escola entrou em período de prova e logo depois das provas aconteceu o recesso para o São João que foi do dia 19 ao dia 02 de julho, um período maior do que o previsto no calendário escolar por conta dos jogos da copa das confederações no Brasil. Somente no dia 03 de julho pude dar início ao estudo de caso na Escola Mário Costa Neto. Estão ocorrendo aulas aos sábados na escola para recuperar os atrasos no ano letivo por conta da reforma.

A escola tem uma boa estrutura, mas segundo a diretora Maria Lúcia de Souza Oliveira, ainda precisa de uma ampliação de espaços. Está prevista a construção de três novas salas e em uma delas será instalada a sala de informática para os alunos e professores, os computadores já estão na escola, porém se encontram em uma sala pequena onde também é utilizada como depósito escolar. A escola conta com oito salas de aula, mais sala da diretoria, sala para vice-diretoria, sala de professores, sala da secretaria, uma copa, uma pequena sala de informática, uma sala para biblioteca e área aberta para permanência dos alunos nos intervalos e uma quadra de esportes.

A escolha da Escola Mário Costa Neto para dar embasamento a essa pesquisa se deu por ser uma escola da rede pública e está localizada no bairro onde resido que, por sua vez, participo, ainda que de forma indireta, do cotidiano da escola, vendo os alunos circulando no bairro. O fato da escolha de uma escola de rede pública tem um propósito muito forte para a pesquisa, infelizmente ainda é realidade no nosso país que muitas escolas da rede pública têm uma estrutura precária para atender os alunos e professores, além de problema de estrutura física de muitas escolas há pouco investimento em material didático para os alunos. Como discorre Cysneiros:

[...] nas grandes cidades, as salas de aula de tais escolas têm pouco espaço físico, são ruidosas, quentes e escuras, desencorajando qualquer outra atividade que não seja a aula tradicional. A arquitetura pobre e o mobiliário desconfortável e precário dificultam o trabalho intelectual de alunos e mestres. São instituições dependentes da administração central das redes escolares, em contextos de forte dependência da burocracia cristalizada e das oscilações de quem estiver no poder. (CYSNEIROS, 1999, p.12).

Apesar da situação precária de muitas escolas é preciso investir na educação e nos alunos, a rede pública oferece livro didático para os alunos, porém só os livros não são suficientes para suprir as necessidades de ensino. Recentes pesquisas nacionais e internacionais, como do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (PISA), revelam o baixíssimo nível de compreensão, interpretação e reflexão dos alunos do ensino fundamental e médio, o que reforça ainda mais a necessidade de utilizar outros métodos e mecanismo que dialoguem com os alunos. É preciso utilizar de outros suportes como computadores, *Datashow*, TV, rádio, aparelhos celulares como aparatos pedagógicos para suportes de aulas expositivas que possibilitem uma interação maior entre alunos e professores.

A Escola Mário Costa Neto possui uma sala de informática com dez computadores, a sala é provisória, pois o colégio não tem uma sala maior para organizar melhor os computadores. A escola possui rede de internet e utiliza sinal *wi-fi*, também possui dois aparelhos de *Datashow* e todas as salas tem TV *pen drive*, mas segundo a diretora nem todos os professores costumam utilizar os equipamentos. Dois professores da escola fizeram o curso do NTE (Núcleo de

Tecnologia Educacional) oferecido pela Secretaria Municipal de Educação de Salvador, a própria diretora Maria Lúcia de Souza Oliveira e a professora de Eixo Tecnológico, Otalândia Hunder. O Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE faz parte do PROINFO⁷ e está ligado a Secretaria da Educação do Estado da Bahia e ao Instituto Anísio Teixeira. Na Bahia existem dezesseis núcleos sendo três deles instalados em Salvador e os demais no interior do estado.

Segundo o portal do MEC os NTE, o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo/MEC) já montou quatrocentos e dezoito Núcleos de Tecnologia Educacional (NTEs) no País. Os núcleos contam com equipe interdisciplinar de professores e técnicos qualificados para oferecer formação contínua aos professores e assessorar escolas da rede pública no uso pedagógico e na área técnica (hardware e software). Os NTEs são braços da integração tecnológica nas escolas públicas de ensino básico.

Um site importante para coletas de dados sobre a educação é o Portal Ideb⁸ que mede o índice de educação nas escolas do Brasil, é uma realização da Meritt Informação Educacional, tem como finalidade disponibilizar para sociedade dados sobre o índice de educação no país, assim todos podem acompanhar a qualidade do ensino no nosso país. No site do Ideb foi possível obter dados sobre a Escola Mário Costa Neto do ano de 2011, a escola não atingiu a meta prevista para 2011 e teve queda no Ideb em relação a 2009. Segundo mostra a tabela:

⁷ Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo): É um programa educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. (PROINFO. Disponível: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462>>. Acesso em: 01 de agosto de 2013).

⁸ <http://www.portalideb.com.br/>

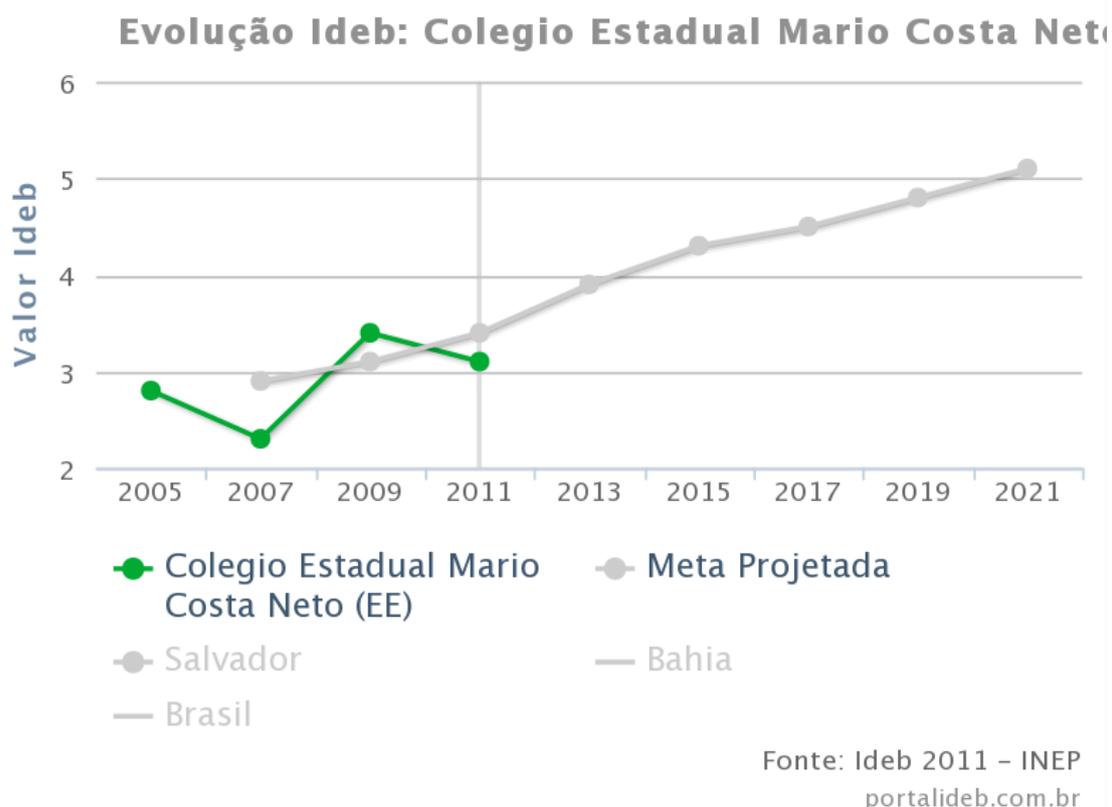


Imagem 1 – Ilustração: Evolução da Escola Mario Costa Neto

Isso mostra uma necessidade da escola em recuperar a média no Ideb para não continuar caindo seu índice, logicamente que a escola, junto com os professores, deve prever uma análise dos dados para compreender o porquê da média ter caído e elaborar um plano pedagógico para alcançar uma maior aprendizagem dos alunos. O Parâmetro Curricular Nacional, projeto do ministério da educação que tem o propósito de apontar metas de qualidade que ajude o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo aponta para importância do uso de tecnologias em sala de aula:

As novas tecnologias da comunicação e da informação permeiam o cotidiano, independente do espaço físico, e criam necessidades de vida e convivência que precisam ser analisadas no espaço escolar. A televisão, o rádio, a informática, entre outras, fizeram com que os homens se aproximassem por imagens e sons de mundos antes inimagináveis. (...) Os sistemas tecnológicos, na sociedade contemporânea, fazem parte do mundo produtivo e da prática social de todos os cidadãos, exercendo um poder de onipresença, uma vez que criam formas de organização e transformação de processos e procedimentos”. (PCN's, 2000, p.11-12)

Pensando no uso das novas tecnologias em sala de aula e nas necessidades de aprendizagem dos alunos da Escola Mário Costa Neto, através do suporte da educomunicação pretendo investigar o desempenho dos alunos em uma aula expositiva com exibição de vídeos educativos, e através da realização de uma oficina de audiovisual para os alunos. Essa pesquisa apresentará considerações breves, por falta de tempo para um estudo maior e mais aprofundado sobre as reais necessidades dos alunos. A pesquisa só será realizada com a turma da 9º Ano do ensino fundamental na disciplina de história, não terei dados suficientes para provar que o método da educomunicação é o método mais eficaz em sala de aula, mas será possível analisar o desempenho dos alunos em uma aula desse formato.

O uso de novas tecnologias em sala de aula, não pode ser visto como algo que irá revolucionar a educação e resolver todos os problemas no processo de ensino/aprendizado. Essas novas tecnologias precisam ser entendidas como ferramentas capazes de auxiliar o ensino, mas se não forem utilizadas de forma criativa e dinâmica pelos professores não trarão nada de novo para a sala de aula. O professor deve estar apto a usar essas tecnologias, saber como utiliza-las e quando utiliza-las, não excluindo o modelo de ensino atual, por exemplo, abrir mão do uso dos livros e só utilizar computadores, as tecnologias devem ser vistas como uma forma de somar e trazer novas possibilidades de ensino para dentro da escola.

Se analisarmos as políticas públicas do governo ao longo dos anos que buscaram implementar novas tecnologias em sala de aula, iremos ver que muitas escolas não deram certo, desde rádio, depois a TV escola, os computadores, e veremos que muitos problemas na educação continuam recorrentes nas salas de aulas, não é a evolução da tecnologia que irá resolver os problemas da educação, e sim como as escolas, professores e alunos irão utilizar esses recursos para melhorar o processo de aprendizado na sala de aula.

Todas as salas de aula da Escola Mário Costa Neto possuem TV pen drive, mas não são utilizadas, e a maioria se encontram quebradas, apenas duas estão funcionando. Quando há necessidade pelos professores de utilizar algum suporte para exibição de imagem ou vídeo em suas aulas, os professores utilizam o Datashow da escola, pois segundo eles a TV *pen drive* está sempre com defeito. A

TV *pen drive* é uma ação do programa de inclusão digital denominado monitor educacional que faz parte das ações desenvolvidas pelo Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE.

O Governo do Estado da Bahia, por meio da Secretaria de Educação (SEC-BA), instalou no ano de 2009 televisores de 29 polegadas em 22 mil salas de aula, incluindo o interior do estado, com o objetivo de estimular a construção e socialização do conhecimento entre alunos e professores. A TV *Pen drive* configura-se como um recurso composto por entradas para *VHS*, *DVD*, cartão de memória e pen drive, e saídas de áudio e vídeo para utilização de imagens e sons.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE PESQUISA

Para me aproximar do meu tema de pesquisa escolhi fazer um estudo de caso através do uso da pesquisa qualitativa em sala de aula junto com alunos de uma escola da rede pública, onde foi aplicado o método da educomunicação, realizando assim uma aula com o uso de ferramentas tecnológicas de modo a desenvolver a criatividade e participação dos alunos através de uma oficina de vídeo. Além dos dados coletados em sala de aula, autores como Martín Barbero, Paulo Freire, Mario Kaplún e pesquisadores da educomunicação foram utilizados para dar embasamento teórico para o desenvolvimento da pesquisa.

O processo de pesquisa em campo com os alunos teve início no dia 03 de julho com término previsto para o dia 25 de julho de 2013, mas por conta da greve nacional – que aconteceu em uma quinta-feira, neste intervalo de tempo, houve três aulas perdidas - a conclusão ocorreu no dia 01 de agosto de 2013, com intervenções no começo, três vezes por semana (terças-feiras, quintas-feiras e sextas-feiras) e depois apenas nas quintas-feiras e sextas-feiras nas aulas de história e eixo tecnológico.

A realização da pesquisa, com os alunos da 9º ano, aconteceu durante as aulas das disciplinas de história e eixo tecnológico, que contou com o apoio da professora Maria Liliam de Oliveira Raposo e da professora Otalândia Hunder. Para realização da oficina também foi utilizado o laboratório de informática da escola para busca de conteúdos e para edição dos vídeos produzidos pelos alunos.

A pesquisa teve início com a aplicação de questionário para os professores da escola, a fim de compreender o relacionamento dos mesmos com o uso de novas tecnologias em sala de aula. A escolha de trabalhar com a disciplina de história já tinha sido feita antes de começar a pesquisa, por ser uma matéria que tenho identificação e por ver grandes oportunidades de trabalhos na área de audiovisual relacionados à disciplina.

Além dos dados obtidos com os questionários respondidos pelos professores da escola, a pesquisa conta com a intervenção em uma turma com cerca de trinta alunos, da 8º série, sendo exibidos vídeos em sala de aula, foi realizada, também,

uma oficina de vídeo, ministrada por mim, fazendo uso de celulares e por final foi gravada entrevistas com os alunos envolvidos no processo a fim de entender suas considerações sobre o uso das novas tecnologias no processo de ensino. Todo o procedimento de pesquisa foi baseado nos estudos da educomunicação pensando na criação de *ecossistemas comunicativos* dentro da escola, usando também referências deixadas pelos pesquisadores Paulo Freire e Mario Kaplún.

5 OS ALUNOS E A ESCOLA MÁRIO COSTA NETO

A turma de alunos que participou da pesquisa foi escolhida por mim, junto com a professora Maria Liliam de Oliveira Raposo, professora da disciplina de história. No primeiro dia de pesquisa na escola acompanhei a aula de história da professora Maria Liliam de Oliveira Raposo em três turmas de séries diferentes, em turmas da 7º, 8º e 9º ano. A turma da 9º Ano foi escolhida por ser uma turma mais madura e está terminando o ensino fundamental II para seguir para o ensino médio. Durante a aula de história foi observado que muitos alunos utilizavam aparelho de celular, este fato proporcionou uma abertura entre os alunos para realização da oficina de vídeo com uso do aparelho celular.

A turma é formada por trinta e cinco alunos. A classe é composta por alunos de diferentes idades, masculino (40%) e feminino (60%), existem alunos repetentes junto à turma. A sala da turma da 9º Ano possui um quadro de piloto, um ventilador, dois ar condicionados (sempre desligado), e uma TV *pen drive* que se encontra quebrada. Durante a primeira aula de história no dia 03 de julho, a professora comentou sobre o baixo desempenho dos alunos nas avaliações da primeira unidade e sobre a necessidade de recuperar a nota, pois grande parte da turma teve nota abaixo de 5pts que é a média do colégio. Muitos alunos justificaram as notas baixas por sentir dificuldade em *memorizar* os conteúdos dados pela professora em sala. Na primeira aula, acompanhada por mim, a turma estava apenas com a metade dos alunos, pois foi o primeiro dia de aula após o recesso junino, e a volta as aulas começaram em uma quarta-feira – prolongando as férias de meio de ano -, então muitos alunos não compareceram a aula. Nesse dia a turma estava com dezoito alunos.

A professora deu início ao assunto da segunda unidade: *Brasil: crise do Império*, e começou a aula falando sobre o início da *República*, utilizou o quadro para expor tópicos sobre o assunto e pediu para que os alunos fizessem à leitura mais completa do assunto no livro de história e respondessem a questões sobre economia, política dentre outras questões da época do *Brasil Império*. Muitos alunos tentaram chutar as respostas e quando a professora pedia para ler o conteúdo do livro, pois no mesmo havia todas as respostas, alguns alunos afirmaram sentir preguiça em fazer a leitura. Ao final da aula todos haviam respondido as questões e a professora deu visto no caderno de todos os alunos. Segundo Raposo, ela sempre passa atividades em sala de aula, pois se passar às tarefas para casa não são respondidas pelos alunos, e na sala de aula eles respondem, *pois há uma cobrança dela*, além do “visto” que dá nos cadernos, que ao final da unidade todos “os vistos” somam um ponto para média e assim incentivam os alunos a responderem as perguntas relacionadas aos assuntos discutidos em sala de aula.

No segundo dia, 04 de julho de 2013, de acompanhamento de aula dos alunos da 9º ano, a professora de história sugeriu que convidássemos a professora Otalândia Hunder para ajudar no processo com os alunos, Hunder é professora da disciplina de Eixo Tecnológico dos alunos da 9º ano e sua participação foi muito importante para integração da pesquisa, além da interdisciplinaridade que é importante para ser trabalhada com os alunos, a matéria de eixo tecnológico fortalece a pesquisa, por se tratar de uma disciplina que estuda o uso de novas tecnologias.

Nesse mesmo dia, após conversar com a professora Hunder, decidimos usar o laboratório de informática da escola para aula de eixo tecnológico do 5º horário com a turma da 9º ano. No intervalo das aulas fizemos uma limpeza no laboratório, os computadores estavam cobertos por sacos pretos, na sala de informática havia muito entulho da escola, cadeiras e mesas quebradas acumuladas em um canto, pilhas de caixas de papelão cheias de papéis e muita poeira dentro da sala – o que infere pouca utilização ou nenhuma. Ligamos os computadores, a sala conta com dez computadores de tela LCD, porém, só oito estavam funcionando, talvez os dois quebrados sejam por falta de uso, pois a sala de informática fica sempre fechada e os computadores desligados. O professor de geografia que passava na hora afirmou

que não sabia que a escola tinha um laboratório de informática e o mesmo estava trabalhando na escola há três meses.



Imagem 2 – Fotografia - Sala de informática – Escola Estadual Mário Costa Neto.

Após a organização do laboratório foram colocadas duas cadeiras por computador, pois nesse dia a turma estava com dezesseis alunos. A aula do 4º horário foi de história com a professora Rapouso que depois de apresentar o conteúdo do dia explicou um pouco da oficina de vídeo para os alunos, os mesmos ficaram muito entusiasmados, querendo saber quando começariam o trabalho e como seria a oficina. A aula do 5º horário foi com a professora Otalândia Hunder de Eixo tecnológico. Os alunos tiveram a aula no laboratório de informática, nesse primeiro momento assumi o papel de *Observador*, apenas observando os alunos frente aos computadores.

Os alunos chegaram à sala de informática, bastante empolgados, foram se acomodando em frente aos computadores, perguntando sobre a *internet*, à medida que ligavam os computadores logo abriam o *browser* da *internet*. Os computadores

da escola têm o sistema operacional *Windows*⁹, mas quando a Secretaria de Educação trouxe os computadores para escola todos tinham sistema operacional *Linux*¹⁰, visto que os alunos não tinham costume de usar o *Linux* foi pedido pela professora Otalândia Hunder, em uma manutenção dos computadores realizada na escola, para que mudassem todos os computadores para o *Sistema Windows*.

Todos os computadores das escolas da rede pública do Brasil chegam aos colégios com o sistema operacional *Linux*. Segundo o Portal do Software Público Brasileiro, o *Linux Educacional*¹¹ surgiu como uma solução de software que colabora para o atendimento dos propósitos do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo). O *Linux Educacional* tem por objetivo facilitar a utilização de *software* livre em ambientes de informática voltados para a educação, proporcionando aos técnicos, professores e alunos uma maior liberdade de personalização do ambiente.

Como os professores e os alunos na maioria das escolas não têm o costume de utilizar o *software* livre em seus computadores pessoais e também não recebem uma orientação para o uso do *Linux Educacional* na escola, acaba acontecendo o que ocorreu com os computadores da Escola Mário Costa Neto, na primeira manutenção o sistema foi mudado para o *Windows*, sendo que a escola não possui autorização para essa troca e a versão do sistema *Windows* utilizado é “pirata”¹², por consequência, os alunos e professores perdem todos os produtos desenvolvidos pelo sistema original por não compreender e conhecer os mecanismos e possibilidades oferecidos pelo *Linux Educacional*.

⁹ **Windows** é o sistema operacional de computador fabricado pela Microsoft (MICROSOFT. Disponível em: <<http://www.microsoft.com/pt-br>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.).

¹⁰ **Linux** é ao mesmo tempo um kernel (ou núcleo) e o sistema operacional que roda sobre ele. (LINUX. Disponível em: <<http://br-linux.org/2008/01/faq-linux.html>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.)

¹¹ **O Linux Educacional** é um projeto do **Governo Federal** que busca o melhor aproveitamento dos ambientes de informática nas escolas. Com a utilização do software livre. (LINUX EDUCACIONAL. Disponível em: <<http://linuxeducacional.c3sl.ufpr.br/>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.)

¹² **Pirataria de software** é o licenciamento irregular, reprodução não autorizada e/ou distribuição ilegal de softwares, seja para uso comercial ou pessoal. (MICROSOFT. Disponível em: <<http://www.microsoft.com/pt-br/antipirataria/default.aspx>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.)

A primeira página da internet acessada pelos alunos foi à rede social “facebook¹³”, muitos alunos reclamaram da conexão da *internet* da escola, segundo eles a rede da escola é muito lenta¹⁴. Alguns alunos fizeram reclamações sobre o computador, segundo eles o sistema ficava travando (lembrando que o sistema é pirata) e alguns alunos reclamaram da quantidade de fios, pois esses possuíam *notebooks* em suas casas. Além do uso do *facebook* os alunos também visitaram sites de notícias (msn.com), fizeram comentários sobre novela (*Amor à vida* - TV Globo) e sobre o programa a fazenda (TV Record), alguns meninos acessaram o site do *Globo Esporte* e discutiram sobre futebol, a página do *youtube*¹⁵ também foi acessada, os computadores estavam sem *plugin* de som instalados e os alunos mesmo fizeram a instalação nos computadores. Alguns alunos perguntaram sobre o uso do *instragram*¹⁶, como poderia se inscrever nessa nova rede social.

Havia um computador sem acesso à *internet*, esse computador estava com uma versão mais antiga do *Windows* e nele se encontrava sentado uma dupla de alunos, dois meninos, eles tentaram conectar a internet *wi-fi*¹⁷ no computador, mexeram em várias ferramentas para tentar conseguir a conexão, porém não tiveram sucesso, e por isso quiseram sair da aula, a professora pediu para que ficassem, pois a aula não seria sobre *internet*, mas os dois alunos mesmo assim resolveram deixar a sala, ficando apenas dezesseis alunos no laboratório de informática.

¹³ **Facebook** é uma plataforma online de rede social que reúne diversos usuários. (Definição livre).

¹⁴ Nota do autor: Os comentários referem-se a velocidade de transmissão de dados da rede. Geralmente de 1 mb.

¹⁵ **YouTube** é um site de compartilhamento, exibição e edição de vídeos em formato digital que reúne diversos usuários. (Definição livre).

¹⁶ **Instagram** é uma rede social gratuita para compartilhamento de fotos e agora também vídeos. (INSTAGRAM. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/s/instagram.html>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.)

¹⁷ Rede **WiFi** é uma das maneiras de fazer com que os seus computadores se comuniquem entre si sem o uso de fios. (REDE WI-FI. Disponível em: <<http://informatica.hsw.uol.com.br/rede-wifi.htm>>. Acesso em: 30 de julho de 2013.)

Depois desse primeiro momento onde os alunos ficaram livres para usar o computador, a professora Otalandia Hunder pediu para que eles explorassem outras funcionalidades do *Windows*, os programas instalados inerentes ao sistema¹⁸. Foi entregue a cada dupla uma folha de ofício para que fossem anotando todos os possíveis problemas que encontrassem nos computadores, quais as dificuldades sentiram quanto aos programas utilizados nos computadores do laboratório de informática e quais melhorias seriam necessárias.

No terceiro momento da aula de eixo tecnológico a professora Otalandia Hunder pediu para que todos os alunos abrissem o *Movie Maker*¹⁹, na turma só uma aluna conhecia o programa. Depois que todos abriram o programa a professora pediu para que eles explorassem o *Movie Maker*, tentassem *mexer* nas funcionalidades do programa, e se possível montassem um pequeno vídeo para experimentar o programa de edição. Logo os alunos começaram a *mexer* no *Movie Maker*, a aluna que já conhecia o programa mostrou o que já sabia para os outros alunos e assim os alunos começaram a montar um vídeo utilizando imagens e música.

Ao final da aula todas as duplas conseguiram montar um vídeo simples composto por imagens e acompanhado de uma música, a maioria das duplas usaram as imagens do próprio *Windows*, teve duplas que usaram fotos da *internet* e todos utilizaram músicas do *Windows*. Os alunos mostraram os vídeos para professora, para os colegas da turma e afirmaram gostar da experiência com o uso do *Movie Maker*.

Ao final da aula os alunos comentaram que o tempo passou muito rápido, que gostariam de ter mais aulas no laboratório de informática, que por eles passariam o dia inteiro no laboratório. Alunos de outras turmas ficaram na porta do laboratório,

¹⁸ Notas do Autor: Pacotes de softwares da Plataforma Windows (Windows Movie Maker, Paint, WordPad entre outros).

¹⁹ **Windows Movie Maker** é um aplicativo gratuito para o Sistema Windows, atualmente pertence a família de softwares denominados **Windows Live**, que permite criar e editar filmes e slides shows com fotos e outros vídeos, e compartilhamento. (WINDOWS MOVIE MAKER. Disponível em: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/s/windows-live-movie-maker-portugues.html>>. Acesso em: 30 de julho de 2013.)

comentavam que também gostariam de ter aulas na sala de informática. Nos papéis entregues pelos alunos com os comentários sobre os computadores da escola, as principais queixas dos alunos foram sobre a conexão de internet ser lenta, sobre os computadores ficarem travando e de não haver uso da sala de informática pelos alunos.

Depois da aula a professora Otalândia Hunder comentou como os alunos ficaram empolgados em usar a sala de informática, falou sobre a dificuldade do colégio para se permitir o uso dos computadores e como a sala de informática foi sendo transformada em depósito. Segundo a professora, existe um receio em deixar os alunos usarem os computadores para que eles não quebrem ou danifiquem os computadores. A escola possui *internet wi-fi* protegida por senha que não é liberada para os alunos, mas como muitos alunos possuem celular com *internet wi-fi* acabaram descobrindo a senha e utilizam à *internet* da escola em seus celulares. Esse foi o primeiro contato com a Escola Mário Costa Neto e com os alunos da turma da 8º série.

6 DEFINIÇÕES DA ESTRUTURA DA PESQUISA.

Em reunião com as professoras, Maria Liliam de Oliveira Raposo de história e Otalandia Hunder de Eixo Tecnológico, definimos como seria realizada a oficina de vídeo para os alunos da 9º Ano da escola Mário Costa Neto.

A professora de história havia realizado uma oficina de vídeo com os alunos da 9º Ano do ano passado e tiveram bons resultados, ela trabalhou com o assunto *Revoltas populares da República Velha*, os alunos fizeram pequenos vídeos sobre a *Guerra de Canudos*, *Revolta da Chibata*, o *Cangaço* e *Revolta da Vacina*. Foi decidido manter esse mesmo assunto para a oficina.

A professora Liliam seguiu em aula trabalhando os assuntos referentes à II unidade e quando chegou no tema das revoltas sociais começamos a oficina, a professora conduziu o assunto como sempre fez normalmente, usando o quadro e o livro de história, depois foi exibido ,em sala, pequenos vídeos que abordou o tema, mostrou vídeos produzidos por outros alunos de outras escolas ,que estão no *youtube*, para assim gerar um debate entre os alunos. Logo após foi explicado as

etapas para produção do vídeo, mostrando a definição do tema, a elaboração do roteiro, a escolha do tipo de vídeo (ficção, documentário, jornalístico, etc.)

6.1 Processo em sala de aula

Aula 1 – Dia 09 de julho

No terceiro dia de pesquisa na escola acompanhei mais uma aula de história na turma da 8ª série, a turma estava mais cheia, mas ainda assim três alunos haviam faltado à aula. A professora Maria Liliam de Oliveira Raposo fez a entrega das provas da primeira unidade, na aula anterior ela havia comentado sobre o desempenho na prova, mas não havia entregado as provas e notas de cada aluno. Os alunos ficaram bastante agitados, a média de nota das provas foi de 5 pts, que é a média da escola, apenas dois alunos entre os trinta e cinco que formam a turma obtiveram nota sete, um aluno com 7,1pt e outro com nota 7,4pt, quando a professora falou a nota desses alunos à turma aplaudiu os mesmos por considerar sete uma ótima nota – este fato destaca o enfraquecimento do método atual de ensino. Doze alunos da turma foram reprovados em história na primeira unidade, com notas abaixo de cinco.

Este fato destaca o enfraquecimento do método atual de ensino. Uma troca de valores ou desconstrução da importância da aprendizagem, considerando a aprovação como o objetivo principal. Por isso os aplausos para aqueles que, mesmo não conseguindo de forma plena, foram aprovados com nota acima da média.

É importante reforçar que doze alunos (35,28%) da turma foram reprovados na disciplina na primeira unidade. Assim, este fenômeno invoca uma necessidade de repensar as metodologias de ensino, favorecendo a interação dos alunos com as informações oferecidas sobre as temáticas debatidas em aula. Somente transmitir informação não é garantia de aprendizado, para que o aluno tenha possibilidade de aprendizagem é preciso haver análises comparações, associações sobre o tema discutido. A interação se torna um importante componente no processo de ensino e aprendizado, como afirma Nicolescu (1999), em seu princípio da Transdisciplinaridade

Segundo os próprios alunos, história foi à disciplina na qual obtiveram melhores notas, na disciplina de matemática somente dois alunos da turma atingiram a média cinco e todo o restante foi reprovado, eles comentaram que “na aula de história fazem mais silêncio e prestam atenção”, para professora Maria Liliam de Oliveira Raposo isso acontece na disciplina de história por ela conhecer a turma e está acompanhando os mesmos alunos desde a 7º ano e, também, por morar no bairro da Federação ,onde está localizada a escola e onde maior parte dos alunos moram – este fato apresenta a importância do referencial como forma de identificação.

Na aula de história da terça-feira o uso de celular foi muito frequente em sala de aula, ao ponto da professora pedir para os alunos guardarem os aparelhos. Muitos alunos durante a aula estavam com *fone de ouvido* escutando música, alguns alunos atendiam ligações particulares durante a aula e muitos estavam acessando a *internet* pelo celular. Mas quando a professora começou a explicar o assunto do dia, *Mudanças políticas – Brasil séc. XIX e XX*, os alunos fizeram silêncio e copiaram o assunto exposto pela professora no quadro. Quando chegou o intervalo todos comemoram e saíram logo da sala.

Embora houvesse a concentração para a cópia das atividades do assunto exposto, a obrigação em estar presente em sala de aula e o desânimo com a rotina é evidenciado com a comemoração do fim do expediente educacional.

O professor é visto em sala de aula como um guia do processo de ensino e tem como função transmitir informação e conhecimento. Em muitos casos, devido a função, o professor acaba criando um distanciamento com os alunos durante esse processo. Por consequência, não há espaço para o aluno interagir ou atuar de modo espontâneo, visto que geralmente as aulas são expositivas com muita teoria e atividades voltadas para o exercício da memorização.

A sala de aula torna-se um lugar desconfortável, já que o aluno não consegue se inserir de modo a expor suas opiniões, por isso as comemorações ao soar da sirene, informando o fim da aula. A sala de aula é um lugar tão importante quanto o conhecimento exposto pelo professor, representa a formação de um grupo social e, como tal, necessita de vez e voz.

Para formação de alunos críticos e criativos é preciso uma bagagem de conhecimento adquiridos, mas esses conhecimentos devem ser consolidados por esses alunos, perder o caráter da memorização onde por meio de avaliações periódicas são medidas a quantidade de informação que os alunos conseguiram absorver.

Os métodos [de ensino] deveriam, assim, explorar a curiosidade, as dúvidas e incertezas, a continuidade das ideias, a investigação, a observação e a experimentação. O ensinar e o aprender são para o autor “atos correlativos”, afinal “não se pode dizer que se ensinou, se ninguém aprendeu” (DEWEY, 1953 apud LACANALLO; SILVA; OLIVEIRA; GASPARIN; TERUYA, 2011, p09).

Na aula do dia 11, quando os alunos têm duas aulas de história e uma de eixo tecnológico ficou combinado da professora Raposo começar o assunto das *revoltas populares* e juntando com a aula da professora Otalandia Hunder, de eixo tecnológico, darmos início a oficina, que seria a exibição dos vídeos para debate entre os alunos, porém neste dia, quinta-feira, foi decretado em todo Brasil como dia da greve geral, e por isso não houve aula na escola, atrasando mais uma vez a pesquisa.

É importante frisar que os fatores externos não são previstos no cronograma letivo educacional estadual, todavia, devido os constantes aparecimentos destes fatores, apenas reforça a necessidade de uma metodologia de ensino abrangente que estimule a participação do aluno não permitindo o surgimento do desinteresse.

Aula II – Dia 18 de julho

Na aula do dia dezoito de julho a turma da 9º Ano foi dividida em cinco equipes, cada equipe com uma média de sete alunos, para definir o tema de cada equipe foi realizado um sorteio, os temas sorteados foram: *Revolta da Chibata* (Grupo 1), *Revolta da Vacina* (Grupo 2), *Cangaço* (Grupo 3), *Guerra de Canudos* (Grupo 4) e *Guerra do Contestado* (Grupo 5). A partir desses temas os alunos produziram os *curtas* para ser apresentado em aula. Depois da divisão do tema iria exibir pequenos vídeos, separados por mim, para os alunos, porém a TV *pen drive* da sala da 9º Ano não estava funcionando, a escola conta com dois projetores, um está com problemas na leitura de vídeo e o outro estava sendo usado pelo professor de geografia, então a ordem do processo com os alunos foi invertida e os vídeos

ficaram para ser apresentado no último horário quando o projetor para exibição de vídeo estaria disponível.

Os alunos se reuniram com suas equipes e começaram a fazer pesquisas sobre seus temas com os livros de história da biblioteca da escola, alguns alunos utilizaram seus celulares para entrar em sites de busca da *internet* e assim ter acesso a vídeos e fotos sobre seu tema. Nesse momento de reunião entre as equipes foram surgindo diversas ideias sobre os formatos para realização do vídeo. Nesse momento só estávamos eu e os alunos em sala, a professora de história estava dando aula na sala ao lado para os alunos da 7° série. Todas as ideias para gravação dos vídeos pensadas pelos alunos foram compartilhadas comigo e os mesmos pediam minha opinião e assim já começava a orientação em relação à construção do roteiro de gravação.

Após o momento de discussão das equipes, os alunos trocaram de sala com a turma da 8° ano, pois a sala da 9° Ano não possuía tomada para ligar o projetor – é importante perceber que a infraestrutura afeta também os modos de apropriação das ferramentas e equipamentos como instrumentos no apoio ao ensino e aprendizagem -. Foram exibidos, para os alunos, cinco pequenos vídeos, cada vídeo sobre um tema. Vídeos retirados da *internet*, alguns deles também produzidos por alunos que tinham a mesma finalidade que eles, e cada vídeo estava em um formato diferente, como ficção, animação, jornalístico, documentário, para estimular ainda mais a criatividade dos alunos para as produções de seus próprios vídeos.

A cada vídeo exibido ocorria uma intervenção minha, com uma breve explicação sobre o formato do vídeo e os processos para gravação de um curta-metragem, ao final da exibição de todos os vídeos os alunos aplaudiram e alguns comentaram que gostaria de ver mais vídeos, foi pedido, também, para que eles em suas casas procurassem vídeos na *internet* e pensassem em mais ideias para produção de seus próprios vídeos.



Imagem 3 – Fotografia - Exibição de vídeos para alunos da 9º ano.

Durante os intervalos das aulas é comum os professores comentarem na sala dos professores sobre os problemas enfrentados por eles na rotina da escola e em cada turma. A turma da 9º Ano recebe reclamações frequentes dos professores, por ser uma turma com bastante dificuldade de atenção, os alunos são muito barulhentos e dispersos, e a maioria possuem notas baixas em quase todas as disciplinas – vale salientar que a turma da 9º Ano é composta por trinta e cinco alunos e muito deles repetentes.

Aula III - Dia 25 de julho

Todas as quintas-feiras são disponíveis três aulas para trabalhar com os alunos, no primeiro horário às 07h30min uma aula de história, no quarto horário, aula de história novamente e no quinto horário aula de eixo tecnológico.

Na aula de hoje os alunos no primeiro horário se reuniram com sua equipe de trabalho, em seguida passei por cada equipe para saber sobre o processo de gravação dos curtas, se as equipes já estavam com o roteiro pronto e se já poderiam começar as gravações dos vídeos. A equipe com o tema *Revolta da vacina* decidiu por fazer um vídeo apenas usando imagens, texto e música, não quiseram gravar

nenhuma cena. Passei pelas outras equipes e todas estavam finalizando o roteiro, então fui para o laboratório de informática com a equipe que iria fazer o vídeo apenas com fotos e textos, enquanto as outras equipes terminavam seus roteiros de filmagem com ajuda da professora de história.



Imagem 4 – Fotografia - Edição vídeo – Revolta da Vacina

No laboratório de informática, os sete alunos da equipe *Revolta da vacina* já estavam com as fotos e textos para montagem do vídeo, usando o programa editor *Movie Maker* os alunos montaram o vídeo, colocando as fotos e as legendas explicando sobre o assunto. Baixaram uma música de um site na *internet* (4shared²⁰) para compor o vídeo, fizeram os créditos finais com a ficha técnica da equipe e finalizaram o vídeo. Por ser um vídeo composto por fotos e textos, essa foi a primeira equipe a concluir o trabalho. Orientei os alunos sobre busca de textos, imagens e músicas na internet, sobre o cuidado com informações retiradas da

²⁰ Nota do Autor: 4Shared é um site de compartilhamento de arquivos para download, denominado HD virtual. (Site disponível em: <www.4shared.com>)

internet e sobre o uso de forma legal de imagens, textos, e músicas e expliquei um pouco sobre direito autoral e *Creative Commons*²¹.

No 4º e 5º horário as equipes se reuniram novamente para continuar e terminar os roteiros de gravação, eu acompanhei os alunos, e ajudei na organização das cenas. Algumas equipes usaram os computadores do laboratório de informática para pesquisar mais conteúdos sobre seus assuntos e imagens. Duas equipes decidiram por começar as gravações no dia seguinte, durante a aula de eixo tecnológico, porém outras duas equipes não conseguiram terminar seus roteiros, o *Grupo 5* justificou que a pesquisa sobre o tema, *Guerra do Contestado*, para elaboração do roteiro estava com o aluno que faltou a aula no dia e a turma não quis prosseguir o trabalho sem esse componente. No *Grupo 4*, apenas uma componente começou a fazer a pesquisa sobre o tema, os outros alunos da equipe ficaram dispersos.

Aula IV – Dia 26 de julho

Na aula do dia 26, em uma sexta-feira, aula de Eixo tecnológico no último horário, aula que costuma ser bastante dispersa, por ser a última aula da semana, a maioria dos alunos foi embora e só ficou uma equipe para falar comigo.

O *Grupo 3* que abordou o tema sobre o *Cangaço* é composta por sete meninas, elas fizeram um vídeo com imagens e fotos sobre a história do cangaço e usaram uma música de Luiz Gonzaga como trilha sonora. No início da oficina essa equipe tinha pensando em gravar uma cena representando o cangaço, porém por conta de divergências na equipe fizeram o vídeo apenas com fotos da época, música e legendas contando a história de Lampião e Maria Bonita e tiraram o nome de uma componente da equipe, porque segundo as meninas, essa componente não colaborou com o trabalho. É possível perceber que o interesse e comprometimento da equipe com o projeto de trabalho aparecem devido aos estímulos que uma

²¹ As licenças da **Creative Commons** fornecem um modo padrão para os criadores de conteúdo concederem permissão a outros para o uso. (CREATIVE COMMONS. Disponível em: < <http://creativecommons.org.br/>>. Acesso em: 25 de julho de 2013).

produção videográfica representa enquanto elemento de destaque, o *novo* e o *diferente* atrai a atenção.

Nesse dia aproveitei para saber das meninas o que acharam da minha participação nas aulas de história e de eixo tecnológico e sobre o processo de produção do curta e gravei todos os comentários feitos pela equipe em um aparelho celular.

Aula V – Dia 30 de julho

Na aula de número cinco acompanhei a finalização do vídeo do Grupo 1, *Revolta da Chibata*, como os alunos tinha que concluir os vídeos até o dia 01 de agosto ,que foi a data definida para apresentação dos vídeos , estive na escola uma terça-feira e uma quarta-feira para dar suporte a duas equipes que estavam concluindo o processo de edição dos vídeos. Os alunos possuem muitas dificuldades na parte de edição por se tratar de algo novo para eles.

Nesse dia finalizei junto com os componentes da equipe o vídeo produzido sobre a *Revolta da Chibata*, a equipe era composta por sete meninas, no vídeo elas gravaram uma roda de conversas feita por elas onde debatiam os fatos mais importantes que marcaram o tema, também utilizaram imagens para retratar a época. Em conversa com a equipe, as meninas afirmaram gostar de ter feito o vídeo e que precisavam comprar *pen drive*, pois cada vez mais os professores estão pedindo trabalhos que eles precisam usar o computador, o que reforça a suposição que cada vez mais os instrumentos tecnológicos, sejam estruturas físicas de armazenamento ou sistemas e programas de pesquisa, são exigidos ou aparecem como imprescindíveis às atividades. Todavia, cada instrumento deste pode oferecer muito mais possibilidades.

Infelizmente não pude conversar muito com a equipe, pois utilizamos o intervalo para fazer a edição do vídeo, pois os alunos não podem faltar aulas para fazer trabalhos de outra disciplina e na aula de história dessa terça-feira seria aplicado um teste.

Aula VI – Dia 31 de julho

No dia 31 de julho estive mais uma vez na escola para ajudar na finalização do vídeo de mais uma equipe (Grupo 5), usamos o intervalo para fazer a edição no laboratório de informática. O vídeo dessa equipe foi sobre a *Guerra do Contestado*, a equipe era composta por sete meninos.

Nesse vídeo os alunos representaram um trecho da luta ocorrida durante a guerra do contestado, foi usado um celular para fazer a gravação. Na edição foi acrescentado uma imagem da época e um texto contextualizando sobre o período e o local onde ocorreu a guerra do contestado. Esse foi o último dia antes da exibição dos vídeos em sala de aula. Encontrei com alunos de outras equipes no corredor da escola e se mostraram bastante animados para a exibição dos vídeos.

Aula VII – Dia 01 de agosto

No dia 01 de agosto foi o meu último dia na escola, nesse dia os alunos apresentaram seus vídeos para mim e para professora Maria Liliam de Oliveira Raposo, a professora Otalandia Hunder não pode estar presente nesse dia. Na quinta-feira a turma da 9º ano teve duas aulas de história, uma no 1º horário e outra no 4º horário e uma aula de eixo tecnológico no 5º horário, assim ficou resolvido deixar as apresentações dos vídeos para as duas últimas aulas, pois o primeiro horário não seria suficiente para todas as apresentações e também a primeira aula começa as 7:30h e muitos alunos não chegam pontualmente nesse horário.

Porém, é comum na escola a mudança de horários de aulas, quando um professor falta os horários são remanejados para que nenhuma turma fique sem aula. Na quinta-feira dia 01 de agosto houve uma mudança no horário da matéria de história, a aula passou para o primeiro e terceiro horário e assim não foi possível juntar as duas últimas aulas para realizar a exibição do vídeo. O que atrapalhou um pouco o processo, como a aula do 4º horário foi logo após o intervalo, haviam planejado em deixar a sala organizada durante o intervalo, testar a questão do áudio e quando os alunos retornassem do intervalo já estaria tudo pronto para exibição do vídeo.

A sala da 9º Ano não tem tomada para que o projetor seja ligado, então no terceiro horário os alunos trocaram de sala com os alunos da 8º ano, e todos os equipamentos, o projetor e caixa de som da escola foram ligados na sala da 8º ano, porém a caixa de som estava sem o cabo de áudio que fazia a ligação para o projetor, como não foi encontrada outra solução os vídeos foram reproduzidos apenas com o áudio do projetor e os alunos concordaram em fazer silêncio para que todos pudessem ouvir os vídeos.

Os alunos estavam muito empolgados com a exibição dos vídeos e faziam barulho quando colegas da turma passavam atuando em alguns dos vídeos, o que é absolutamente normal entre os alunos, mas foi possível fazer a exibição do vídeo com qualidade. Por conta do atraso para começar a apresentação dos vídeos pelos problemas com o áudio e pela mudança de sala da turma, a aula terminou e começou o intervalo e ainda faltavam dois vídeos para serem exibidos, mas os alunos preferiram ficar na sala durante o intervalo para que todos os vídeos pudessem ser apresentados.

A exibição foi interrompida faltando apenas uma equipe para apresentar, a diretora do colégio precisou dar um aviso urgente para os alunos, pois policiais estiveram na escola para alertar sobre um carro que estava rondando o bairro e abordando algumas garotas, o aviso da diretora da escola se alongou um pouco o que acabou quebrando o ritmo das exibições dos vídeos, mas ainda assim os alunos esperaram para que o último vídeo fosse apresentado.

Mais uma vez evidenciamos o comprometimento das equipes, não apenas com os projetos de cada grupo, mas com todos os trabalhos. Os incentivos presentes nos aplausos impulsionaram e motivaram a turma que, inicialmente, era desacreditada por alguns professores, porém agora já se mostraram bastante propícios as novas experiências de ensino.

Os vídeos foram apresentados seguindo a ordem de sorteio dos temas, o primeiro vídeo abordava a *Revolta da Chibata*, a equipe era composta por Bianca, Fernanda, Deise, Vanessa, Daiana, Lavinya e Thaís, as meninas foram para frente da sala na hora da exibição do vídeo, logo após ser mostrado o vídeo elas

comentaram um pouco sobre a Revolta da Chibata os alunos aplaudiram e fizeram comentários sobre o vídeo, sobre a atuação das meninas no curta.

A segunda equipe a apresentar foi sobre o *Cangaço*, composta pelas alunas Camila C., Larissa S., Camila J., Lorena e Beatriz, as meninas também ficaram na frente da sala durante a exibição do vídeo da equipe e logo ao final da apresentação foram explicar o assunto do Cangaço, uma aluna veio conversar comigo, disse que não poderia apresentar, pois estava com a garganta ruim. Os alunos estão muito acostumados à apresentação de trabalhos em formato de seminário, e todos organizaram falas para apresentar o assunto de seus vídeos.

A terceira equipe a apresentar foi a equipe sobre a *Guerra de Canudos*, essa equipe finalizou o vídeo nesse mesmo dia, no primeiro horário durante a aula de história, fui com eles para a sala de informática e fizemos a edição e a finalização do curta. Durante a apresentação a turma mostrou bastante interesse pelos vídeos, dois componentes da equipe gravaram em forma de poesia a história da guerra de canudos, ao final da exibição um membro da equipe fez um breve comentário sobre o vídeo.

O quarto vídeo exibido foi sobre a *Guerra do Contestado*, a equipe era composta por Alef, Fabrício, Matheus, Luan, Vinícius, Marcus e Leonardo, os meninos retrataram um momento de conflito da guerra do contestado, os alunos ficaram na frente da sala, mas acabaram não fazendo nenhum comentário, pois fomos interrompidos pela diretora Lúcia para dar um aviso à turma.

Logo após a intervenção da diretora foi exibido o vídeo da última equipe que tratava sobre a *Revolta da Vacina*, foi um vídeo composto por imagens e textos, mas os alunos gostaram bastante da trilha sonora que foi composta por uma música instrumental de rock. A equipe era composta pelos alunos Afonso, Jonailson, Davi, Daiane, Felipe, Márcio e Bruna.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DOS DADOS: PESQUISA QUALITATIVA, ENTREVISTAS, PROCESSO DE EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS, HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DE MATERIAL, VÍDEOS DOS ALUNOS.

Através da pesquisa na Escola Estadual Mário Costa Neto, com os alunos da 9º Ano do ensino fundamental, que teve como base o método da educomunicação, foi possível colher dados importantes que estruturam esse trabalho. Serão ressaltados aqui os resultados de maior relevância obtidos com a aplicação do questionário com os professores, realização da oficina de áudio visual na escola e entrevistas com os alunos.

O questionário foi composto por oito questões relacionadas ao uso das novas tecnologias em sala de aula. A oficina de vídeo foi realizada com base nos dados do projeto educomCiência e através dos estudos da educomunicação, Paulo Freire e Mario Kaplún. As entrevistas realizadas com alguns alunos da 9º ano teve o intuito de colher opiniões dos alunos a respeito do processo de produção dos vídeos.

Os resultados apresentados aqui foram coletados através de entrevistas com os alunos, questionário aplicado aos professores e observações feitas na escola, durante as aulas e nos intervalos em conversa com a direção, professores e funcionários.

7 APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS

Foi aplicado um questionário com oito perguntas com professores de diferentes disciplinas, mas só obtive apenas quatro respostas do questionário, os outros professores demonstraram pouco interesse pelo tema do uso das novas tecnologias em sala de aula, e acabaram não respondendo ao questionário, deixando para me entregar depois, mas não ocorreu. Todavia, a ausência de resposta de alguns professores na aplicação do questionário, não compromete a validação dessa etapa da pesquisa, pois a falta de resposta dos questionários por parte de alguns professores já era esperada.

A entrega do questionário também representa um instrumento de análise das reações dos professores para com o tema. O interesse e a curiosidade sobre o

assunto foi percebida após a conversa informal com cada professor e a entrega em mãos do questionário, assim, com a ausência das entregas de quatro questionários, tendo em vista a receptividade dos professores em questão ao serem abordados sobre o tema da pesquisa, fica evidenciado que essas abstenções demonstram a falta de interesse desses professores sobre o tema do uso de tecnologias em sala de aula, pois muitos professores ainda têm resistências ao uso de tecnologias, tanto por acharem que atrapalham a aula, fugindo assim de sua metodologia de ensino, quanto por não compreenderem que essas ferramentas podem ser agregadas, como complemento, ao processo de ensino.

O questionário²² é composto por oito perguntas relacionadas ao uso das tecnologias em sala de aula, capacitação dos professores para uso das TIC's, a importância do uso das tecnologias, entre outros questionamentos. Em todos os questionários respondidos nenhum dos professores teve uma formação para o uso das TIC's pelo governo ou na escola, a maior dificuldade apresentada no questionário é sobre a dificuldade do uso de aparelhos como projetor, *Tv pen drive*, onde muitos responderam que o uso dessas tecnologias acaba por atrasar a aula e a escola não dispõe de um funcionário na área de informática para ajudar a montar os equipamentos.

Nos questionários os professores afirmaram utilizar em sala de aula suportes como TV, projetor, jornal e revista para auxílio nas aulas. Os professores também expõem nos questionários que a utilização de novas tecnologias na escola Mário Costa Neto ainda é precária por causa das dificuldades encontradas em manusear os equipamentos. Como mostra algumas respostas:

- **Pergunta 6:** A escola incentiva os professores a utilizar essas ferramentas tecnológicas? *De certa forma não. Pois não existe um funcionário apto, disponível no corpo docente a orientar o professor.*
- **Pergunta 6:** A escola incentiva os professores a utilizar essas ferramentas tecnológicas? *Sim. Informa os equipamentos disponíveis e os adquiridos,*

²² Nota do Autor: O **questionário** segue no Apêndice.

dentro do possível. A falta de coordenadora no turno matutino acaba por prejudicar o andamento.

- **Pergunta 7:** Como classifica a utilização desses suportes em seu método de ensino? *Dificilmente faço uso de algum, pois há dificuldade no acesso, conforme explico abaixo.*
- **Pergunta 8:** Tem alguma resistência ao uso de novas tecnologias em sala de aula? *Sim. Pois não houve (até o momento atual) nenhuma capacitação para utilização de tais tecnologias.*

8 OBSERVAÇÕES QUANTO A ESCOLA.

O primeiro momento na Escola Estadual Mário Costa Neto foi observado o comportamento dos alunos em sala de aula, a postura da professora de história e de eixo tecnológico diante da exposição dos assuntos em sala de aula para os alunos da 9º Ano e as conversas entre os professores nos intervalos das aulas na sala dos professores.

Durante as observações dos alunos e professores pude notar uma agitação comum dos alunos em sala de aula, muitos usam fone de ouvido para escutar músicas durante as aulas, os alunos sempre reclamam em ter que copiar assuntos do quadro ou ter que fazer exercícios com uso do livro didático nas aulas, há muita conversa paralela durante as aulas, na turma da 9º Ano há um grande número de alunos repetentes e é natural um esgotamento e desinteresse dos alunos quanto a rotina de aulas.

Os alunos demonstram participação nas aulas de história quando são questionados pela professora sobre os assuntos, apesar do baixo rendimento dos alunos na primeira unidade do ano letivo, tanto a professora de história e a professora de eixo tecnológico e outros professores da escola concordam que a aplicação de provas não deveria ser obrigatória, segundo eles, os testes aplicados em sala de aula têm mais rendimento, já as provas não têm o mesmo rendimento, pois em semana de provas os alunos vão para escola apenas fazer a prova e quando terminam estão liberado para sair da escola, o que provoca a pressa para responder as provas, além dos alunos não terem o costume de estudar em casa para as provas.

A ação de ser avaliado provoca no aluno a sensação de insegurança, já que para alguns alunos, este instrumento define todo ano letivo. Assim, evitar dedicar-se as provas permite que o resultado não seja tão negativo, já que corresponde a importância dada na hora do estudo..

O modelo classificatório de avaliação, onde os alunos são considerados aprovados ou não aprovados, oficializa a concepção de sociedade excludente adotada pela escola. O resultado da avaliação é considerado portanto, como uma sentença, um veredicto oficial da capacidade daquele aluno que fica registrado e é perpetuado para o resto de sua vida. O mais triste porém é que a publicação dos resultados não revela o que o aluno conseguiu aprender, é um resultado fictício, definindo um perfil, pela cristalização desse falso resultado. (ARAÚJO, 2001)²³

Só pude observar uma aula de eixo tecnológico, as aulas de eixo tecnológico para 9º Ano são na quinta-feira e na sexta-feira, por duas sextas-feiras seguidas os alunos não tiveram a aula, que é no último horário, observei a aula da quinta-feira, porém na outra semana não teve aula na quinta-feira por conta da greve nacional no Brasil. A aula que observei de eixo tecnológico foi no laboratório de informática, os alunos se mostraram bastantes interessados na aula no laboratório de informática, nessa aula alguns alunos afirmaram que o tempo da aula pareceu passar mais rápido e que deveriam ser mais constantes as aulas no laboratório de informática.

Durante trabalhos na sala de informática, observando o comportamento dos alunos frente aos computadores, pude notar que nem todos os alunos possuíam intimidade quanto ao uso dos computadores, alguns alunos, uma minoria tinham bastantes dificuldades para usar os computadores, e isso é muito preocupante.

Constantemente reproduzimos um discurso no qual diz que a geração dos jovens de hoje já nasceram inseridas no mundo das tecnologias e que possuem bastante facilidade ao lidar com equipamentos tecnológicos, mas nem todos os jovens têm acesso a essas ferramentas, a escola deveria ser um local de proximidade para esses jovens. A escola possui computadores, mas existe uma práxis na qual a sala de informática está sempre trancada e o aluno depende do

²³ ARAÚJO, *Andréa Cristina Marques de*. A avaliação do desempenho escolar como ferramenta de exclusão escolar. 2001. Disponível em: <http://www.ccuec.unicamp.br/revista/infotec/artigos/andrea_cristina2.html>. Acesso em: 21 de agosto de 2013.

professor para usá-la. Na Escola Mário Costa Neto é muito difícil os professores usarem a sala de informática em suas aulas.

Em uma atividade na sala de informática uma aluna se recusou a digitar o roteiro do vídeo no computador por ter dificuldade com o teclado, segundo ela “é difícil encontrar as letras”, alguns alunos comentaram que “ela deveria fazer um curso de informática e que usar o computador não é difícil”. Outro aluno sentiu dificuldade para ligar o computador, não sabia qual botão apertar no gabinete. A professora de eixo tecnológico comentou sobre a dificuldade de alguns alunos com os computadores, segundo a professora Otalandia Hunder, ela pretende identificar esses alunos e colocá-los para usar mais a sala de informática e assim ter mais contato e prática com os computadores.

Foi interessante identificar alunos com diferentes perfis de aproximação com os recursos tecnológicos, comprovando, mesmo que de forma empírica, que embora esta geração tenha maior propensão à fluidez com as inovações tecnológicas, os bloqueios criados pela desigualdade social e a falta de políticas de inclusão digital mais efetiva compromete a potencialidade desta e das futuras gerações. Se a inter-relação entre a educação e a comunicação pode potencializar o ambiente de compartilhamento das informações e do aprendizado quando unidos aos suportes da informática e dos meios de comunicações, a dificuldade de acesso e estímulos a estas ferramentas contribuem com a deficiência do ensino público.

A Doutora em Comunicação Científica, Simone Bortoliero, em seu artigo, *Das escavações à sociedade: a divulgação científica sob a ótica das crianças de Peirópolis* (2005) evidencia que a falta - ou pouca - interação com os meios de comunicação e práticas culturais de lazer e entretenimento dificultam a percepção das atividades ligadas à tecnologia. Em contraponto, Bortoliero apresenta também a importância destas ações como agentes mediadores, dentro do que ela denomina de “processo de alfabetização audiovisual”.

Alunos de escolas rurais são carentes de informações em todos os sentidos. A televisão ainda é a única forma de diversão desse grupo, a maioria nunca foi ao cinema, não joga videogame, não usa computador, nunca foi ao teatro e principalmente tem pouco acesso a livros. A interação observada nos grupos que produziram os vídeos favoreceu nessa escola rural um processo de alfabetização audiovisual, pois para tais alunos,

excluídos da cultura tecnológica em evidência nos grandes centros urbanos, conhecer as técnicas e poder usá-las pressupõe o pensar em grupo. (BORTOLIERO. 2005, p.379)

9 OFICINA DE VÍDEO

A composição das etapas para realização da oficina teve como base o projeto EducomCiência: Produzindo Vídeos Científicos e Ambientais com a Juventude, consiste numa atividade de produção de vídeos de um minuto com conteúdo de ciências e meio ambiente junto a jovens estudantes da educação básica, com a utilização de celulares ou câmeras digitais, tecnologias que estão acessíveis à maior parte dos adolescentes em exercício escolar. Este projeto foi executado durante dois anos (2009 a 2011) pelo grupo de pesquisa Cultura e Ciência, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, coordenado pela prof^a Dr^a Simone Terezinha Bortoliero.

Pesquisas, artigos e reportagens referentes a trabalhos realizados em outros colégios através do método da educomunicação também foram utilizados para dar embasamento a essa pesquisa, além dos ensinamentos de Mário Kaplún e Paulo Freire. Para dar início a oficina foram mostrados vídeos sobre o tema de história trabalhado em sala de aula para primeiramente gerar discussões e planejamentos para a criação dos vídeos de cada grupo de alunos da 9º ano, os alunos se mostraram bastantes interessados na produção do vídeo, as principais ideias eram vídeos gravados com a atuação deles, seja em formato da própria sala de aula ou na reconstrução do fato histórico.

Durante o sorteio dos temas, que cada equipe iria trabalhar nos seus *curtas*, houve um interesse grande dos alunos para trabalhar com a guerra de Canudos e o Cangaço, por se tratar de revoltas que ocorreram no nordeste do Brasil e estar mais próximo da realidade dos alunos, além de serem assuntos conhecidos pelos alunos e sempre estarem presentes nos assuntos de história em todas as séries.

10 PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS VÍDEOS

No dia 26/07/13 me reunir com as meninas do *Grupo 3* e fomos para o laboratório de informática para elas me mostrarem como estava o vídeo da equipe e terminar a edição que estava faltando.

Depois de finalizar o vídeo das meninas, sobre o cangaço, pedi para que algumas delas, as que tivessem vontade, me falassem sobre suas opiniões em relação a minha participação nas aulas de história e eixo tecnológico e o que acharam do processo de elaboração do vídeo sobre o assunto trabalhado na aula de história. Foi utilizado um celular para gravar o áudio da conversa, as meninas falaram:

Larissa: Eu nunca tinha entrado no laboratório de informática da escola, a primeira vez foi na sua aula, e foi muito bom, na minha casa só usava o computador para internet e depois que aprendi a usar o mover maker aqui na escola comecei a fazer vídeos na minha casa.

Camila C: Eu estudo há dois anos aqui e nunca usei os computadores da escola, essa foi à primeira vez, essa sala está sempre trancada e nenhum professor dá aulas para gente aqui, e agora com a Senhora só a 9º Ano está vindo, às outras séries não têm aulas aqui. Gostei muito de fazer o vídeo, nunca tinha feito isso antes e achei que o nosso vídeo ficou muito bom.

Camila J: Eu também nunca tinha usado a sala de informática antes, e estudo aqui já tem 4 anos.

Nesse mesmo dia saindo da escola, um aluno de outra série me chamou para saber qual disciplina eu era professora, então expliquei que estava fazendo uma pesquisa na escola com os alunos da 9º ano, ele perguntou se não poderia fazer a pesquisa na sala dele também, pois ele também queria usar a sala de informática da escola. É importante perceber o interesse e curiosidade dos alunos da escola para utilizar os computadores da escola, no artigo “Das escavações à sociedade: a divulgação científica sob a ótica das crianças de Peirópolis”, Bortoliero (2005), é descrito esse mesmo sentimento de curiosidade dos alunos da 7º ano da escola rural de Peirópolis “Tivemos no elemento curiosidade um aliado para o aprendizado, sendo que a novidade surgiu nas formas de lidar com os equipamentos de vídeo, mola propulsora da motivação dos jovens durante o treinamento técnico”.

Durante esses dias de pesquisa na Escola Mário Costa Neto foi muito frequente os alunos de outras séries me questionarem por não poderem utilizar a

sala de informática. Sempre que vou para lá com os alunos da 9º ano ocorre de outros alunos, de outras turmas, ficarem na porta do laboratório querendo utilizar os computadores. Há na escola dois estudantes do curso superior de história e sociologia que aplicaram um questionário para os alunos da escola e utilizaram o *google docs*²⁴ como mecanismo do questionário, no primeiro dia que os alunos foram chamados para responder as perguntas no laboratório de informática, pois foram utilizados os computadores da escola, houve um grande tumulto, muitos alunos correram para o laboratório de informática, acharam que era para fazer um cadastro para poder usar os computadores da escola e muitos alunos queriam entrar na sala de informática ao mesmo tempo e foi preciso a ajuda da diretora para organizar os alunos em fila e assim um de cada vez responder as perguntas contidas no questionário.

O uso dos recursos tecnológicos, devido à atratividade natural, desperta o interesse nos alunos, e é este interesse que pode e deve ser utilizado como elemento diferencial no processo de ensino. O processo da pesquisa, embora os contratempos e a curta duração demonstrou que essa inserção no ambiente de aprendizagem constrói uma relação de troca aberta entre alunos/alunos e aluno/professor.

11 EXIBIÇÃO DOS VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Os vídeos produzidos pelos alunos foram:

Vídeo 1 – Revolta da Vacina (Grupo 2): duração de 1 minuto 51 segundos.

Vídeo 2 – Guerra do Contestado (Grupo 5): duração de 49 segundos.

Vídeo 3 – Cangaço (Grupo 3) : duração de 2 minutos e 59 segundos.

Vídeo 4 – Revolta da Chibata (Grupo 1): duração de 2 minutos e 23 segundos.

²⁴ **Google Docs** é um processador de textos, planilhas e apresentações gratuito, baseado na web. A ferramenta permite que seus usuários criem e editem documentos online ao mesmo tempo, colaborando em tempo real com outros usuários. (GOOGLE DOCS. Disponível em:< <http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/google-docs.html>>. Acesso em: 01 de Agosto de 2013).

Vídeo 5 – Guerra de Canudos (Grupo 4): duração de 2 minutos e 5 segundos.

Durante a apresentação dos vídeos em sala alguns alunos preparam textos com o assunto do seu vídeo para falar após a exibição do vídeo, os alunos utilizaram o formato de apresentação de seminário para complementar o mesmo assunto apresentado nos vídeos feitos por eles. Isso remete a ligação forte dos alunos aos métodos tradicionais de avaliação, para os alunos somente a exibição do vídeo não seria suficiente para a professora de história avaliar os trabalhos.

Freire criticava o sistema tradicional de ensino, no qual era utilizada a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e da escrita. As cartilhas ensinavam pelo método da repetição de palavras soltas ou de frases criadas de forma forçada. A memorização e repetição não devem ser compreendidos como sinônimo de aprendizagem, pois memorizar conceitos não significa aprender.

É possível perceber a reprodução dos alunos da 9º ano da escola Estadual Mário Costa Neto, quando durante a exibição dos vídeos os alunos sentem a necessidade de explicar na frente da sala os conteúdos dos vídeos exibidos por eles, costume que já trazem de outros trabalhos apresentados em sala e a forma como os professores expõem os assuntos nas aulas.

As apresentações dos vídeos foram bastante satisfatórias, os alunos ficaram muito empolgados, houve muito debate sobre os vídeos apresentados em sala, os vídeos onde tiveram atuação dos próprios alunos foram os mais comentados. Todas as equipes conseguiram terminar seus vídeos a tempo de apresentar na aula. Durante a exibição dos vídeos surgiram alguns problemas. Em relação aos equipamentos da escola, tive problema com a caixa de som, estava sem o cabo de áudio que atrasou bastante o início da exibição dos vídeos. Essa é uma queixa dos professores em relação ao uso dos equipamentos da escola, eles sentem dificuldade no manuseio dos equipamentos e não tem um funcionário da escola responsável por isso, o que acaba atrasando a aula. Os alunos que ajudaram na montagem dos equipamentos em sala.

O professor Nelson De Luca Pretto, Licenciado em Física, Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia também pela UFBA (1984) e Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, em seu livro Uma escola sem/com Futuro: educação e multimídia, expressa sobre a importância do trabalho coletivo no ambiente escolar usando as novas tecnologias. É muito importante à circulação de conhecimento entre os alunos. Durante o processo de gravação dos vídeos os alunos trocaram muitas informações e havia sempre uma curiosidade em saber como estava o vídeo da outra equipe. E durante a exibição dos vídeos os alunos fizeram muitos comentários sobre todos os vídeos produzidos pelos alunos.

É importante identificar a importância desses comentários sobre os trabalhos, já que representam as construções da relação indivíduo e grupo. O respeito a opinião e a assimilação de críticas e sugestões ajudam no processo de formação, além do incentivo a continuidade da aprendizagem.

Valores como solidariedade, trabalho coletivo e ética passam a ser recuperados nesse contexto, a partir de um trabalho mais abrangente que tenha as novas tecnologias de comunicação e informação como elementos estruturantes desse novo pensar e viver. (Pretto, 1996).

A participação dos alunos junto às professoras de história e eixo tecnológico foi muito importante para realização dessa pesquisa. O trabalho feito de forma coletiva facilitou o processo e permitiu a troca de conhecimento. Durante a exibição do vídeo acabou o tempo de aula, intervalo, e apenas duas equipes haviam apresentado seus vídeos, no entanto todos os alunos concordaram em continuar na sala até que todos os vídeos fossem exibidos, isso fortalece ainda mais a ideia da construção da coletividade entre os alunos e o interesse dos mesmos em relação ao trabalho de produção de vídeo.

ANÁLISE E CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O uso do método da educomunicação baseado nos estudos realizados por pesquisadores como Ismael Soares e Martín Barbero e, também, se utilizando dos ensinamentos deixados por educadores como Paulo Freire e Mario Kaplún foi à base teórica principal para realização dessa pesquisa, com foco em áudio visual, para alunos da 9º Ano do ensino fundamental da escola estadual Mário Costa Neto.

As observações feitas durante as aulas da 9º Ano foram muito importantes para conhecer a turma e a dinâmica das aulas, assim como também o comportamento dos alunos e professores em sala de aula ajudaram compreender a relação dos alunos e professores com o uso de novas tecnologias em sala de aula. A aplicação do questionário para os professores da escola colaborou para compreender o que eles pensam sobre o uso das tecnologias como suporte pedagógico, assim como também as conversas na sala dos professores sobre o tema ajudou a construir um panorama sobre as principais dificuldades dos professores em relação ao uso dos equipamentos que a escola já possui. Em relação aos alunos, nas primeiras aulas pude notar um frequente uso de celulares por grande parte dos alunos durante as aulas, muitos alunos possuem celulares com câmeras, tela de *touch screen*, e o uso de fone de ouvido também é muito comum pelos alunos.

O uso constante de celulares pelos alunos me deu uma abertura muito grande para realizar a oficina de vídeo, pois é uma ferramenta de uso muito comum entre os alunos e de fácil acesso, pois a escola não possui câmeras filmadoras, conseqüentemente o uso do celular se tornou um facilitador no processo de gravação dos vídeos. Durante a construção do roteiro para os curtas alguns alunos utilizaram seus celulares para fazer busca sobre seu tema na internet.

Os alunos da 9º ano apresentaram uma pré-disposição para o uso de tecnologias, por usarem celulares conectados a internet durante as aulas.

Em sala de aula, os dois lados aprenderão junto, um com o outro - e para isso é necessário que as relações sejam afetivas e democráticas, garantindo a todos a possibilidade de se expressar. Uma das grandes inovações da pedagogia freireana é considerar que o sujeito da criação cultural não é individual, mas coletivo (ROMÃO, Revista Nova Escola p.02).

A escolha de trabalhar com o tema das revoltas sociais do Brasil do período republicano foi uma sugestão da professora de história, por ser um tema de conhecimento geral dos alunos e por a mesma já ter trabalhado com vídeo esse mesmo tema com alunos de uma turma da 9º Ano no ano de 2012 e obter um bom resultado.

Para iniciar o processo da oficina de vídeo foram exibidos, para os alunos, alguns vídeos sobre o tema das revoluções sociais (Guerra de Canudos, Cangaço, Guerra do Contestado, Revolta da Vacina e Revolta da Chibata), alguns deles produzidos por alunos de outros colégios. Primeiramente foi iniciado um debate sobre a produção dos vídeos produzidos anteriormente, foram discutidos assuntos sobre os formatos de vídeos, sobre enquadramentos, sobre edição, sobre as diferentes funções em um processo de elaboração de um vídeo, construção de um roteiro, licenças para uso de trilha sonora e imagens.

Mostrar aos alunos a possibilidade de trabalhar um assunto de história em um formato diferente, onde eles tiveram a oportunidade de discorrer sobre o tema de forma livre e criativa foi muito interessante, pois os alunos se mostraram muito entusiasmados, o fato de poder utilizar os computadores da escola e aprender um pouco sobre um programa de edição de vídeo foi um fator que chamou muito a atenção dos alunos, pois além dos vídeos da escola muitos fizeram vídeos pessoais sobre suas vidas, amigos e família, antes da realização da oficina os alunos nunca tinham utilizado a sala de informática.

Apesar de tentar demonstrar aos alunos que através da construção dos vídeos eles estariam criando conteúdos relacionados ao assunto de história, os alunos demonstraram uma ligação às formas de apresentação de trabalhos tradicionais, mesmo apresentando os vídeos a maioria dos alunos foram para a aula preparados para falar sobre os conteúdos presentes nos vídeos. Conversei com os alunos, expliquei que os vídeos deveriam ser produzidos de forma que transmitisse todo o conteúdo que eles considerassem importante para que os mesmos não sentissem a necessidade de complementar a apresentação do vídeo em sala de aula, mas os alunos se mostraram muito preocupados com a questão da avaliação do trabalho.

É importante identificar que os conteúdos dos vídeos não garante a aprendizagem sobre o assunto e nem tão pouco reflete o assunto ensinado e debatido. Contudo, demonstra o entusiasmo dos alunos para com a aula, o que valida este processo, já que um dos pontos negativos apresentados era a falta de interesse e o enfraquecimento da relação professor-aluno.

Para eles, a forma do professor avaliar e passar nota para um trabalho é através da forma que eles estão acostumados a apresentar os seus trabalhos, o formato de vídeo é um formato novo, nunca utilizado por eles como forma de atividade escolar, os alunos ficaram um pouco perdidos em relação como a professora Maria Liliam de Oliveira Rapouso poderia avaliar os seus trabalhos.

Mesmo os alunos ainda estando bastante incorporados aos métodos tradicionais de ensino e seus defeitos, o uso de novas tecnologias no ambiente da turma da 9º ano trouxe novos elementos no processo de aprendizado dos alunos. Foi possível notar um interesse maior dos alunos, todos conseguiram concluir os vídeos. Durante todo o processo da elaboração dos curtas, os alunos se mostraram bastante interessados no trabalho, estavam sempre fazendo questionamento a respeito dos métodos para elaboração de um vídeo, tiveram um bom desempenho no uso do *Movie Maker* para edição dos vídeos, fizeram pesquisa do tema trabalhado, escolheram imagens e trilha sonora para compor os vídeos.

A turma da 8º série recebe queixas frequentes por parte dos professores em relação ao comportamento e atenção durante as aulas, porém em todo processo da oficina de vídeo a questão do barulho não foi um problema, às vezes acontecia deles se excederem nas conversas, por conta do entusiasmo nas discursões a cerca do trabalho. Por exemplo, no dia da exibição dos vídeos os alunos estavam bastante eufóricos e curiosos para ver o resultado final do trabalho e assistir aos vídeos feitos pelos colegas da classe, conseqüentemente ouve uma euforia natural por parte dos alunos.

O trabalho com os alunos usando aportes tecnológicos como celulares, computadores, câmeras digitais, entre outros integrados à metodologia de ensino da disciplina de história na turma da 9º ano proporcionou a criação de diálogos entre os alunos na sala de aula. A criação de ecossistemas comunicativos que é a criação de

um ambiente escolar de colaboração, união, organização e se refere ao acesso a todas as tecnologias da informação, potencializando uma maior interação e diálogo entre os alunos.

A valorização da cultura do estudante é o acionador para o método de conscientização recomendado por Paulo Freire, ele propôs o que nomeou de Temas Geradores, onde o educador e o aluno em sala de aula aprendem juntos. A diversidade pode contribuir para o dinamismo da aula, para ocasionar o interesse, da atenção e do envolvimento, garantindo a todos a possibilidade de propagar sobre aspectos da realidade, mantendo uma ligação com o universo de conhecimento dos alunos, impulsionando-os para novas descobertas, pois aprendemos melhor sobre o que nos desperta interesse em conhecer.

Nas aulas no laboratório de informática da Escola Mário Costa Neto os alunos mantiveram uma relação de constante troca e respeito, durante a utilização do programa *Movie Maker* de edição de vídeos os alunos que sentiam maior dificuldade sempre contavam com a ajuda dos colegas, e cada descoberta no programa de edição era compartilhada por todos. A escolha da trilha sonora de cada vídeo também foi um momento de bastante troca entre os alunos. As professoras de história e de núcleo tecnológico também acompanharam de perto o processo de construção dos vídeos com os alunos, estabelecendo de forma integrada uma relação de troca de conhecimentos entre alunos e professores. Quando íamos usar algum tipo de suporte tecnológico em sala de aula, as professoras sempre pediam a ajuda dos alunos na montagem dos equipamentos. No laboratório de informática a professora Otalandia Hunder também sempre solicitava a ajuda dos alunos no uso dos computadores da escola.

No período em que fiquei na escola pude perceber uma mudança no comportamento dos alunos, houve uma transformação, ainda que tímida, no ambiente escolar, pode-se notar que os alunos ficaram mais motivados a estudar e a aprender o conteúdo do assunto de história abordado por eles nos vídeos, a aula perdeu o caráter expositivo onde só o professor transferia o conteúdo, e os alunos se mostraram muito mais participativos e interessados. Quando o professor se utiliza

de diferentes fontes de informação acaba por renovar sua metodologia de ensino o que proporciona um revigoramento do ambiente escolar.

Ficou claro que é preciso ainda percorrer um longo caminho de adaptação e inserção dessas tecnologias na escola Mário Costa Neto, é preciso utilizar melhor os equipamentos que a escola já possui, é muito decepcionante saber que a escola possui uma sala de informática que fica trancada enquanto existem alunos na escola que não têm acesso a computadores. Apesar de todas as informações sobre a geração do século XXI, que os jovens já nascem inseridos no mundo das tecnologias, pude identificar muitos alunos, na escola Mário Costa Neto, com bastante dificuldade no uso de micro computadores e isso ocorre por falta de acesso.

Obviamente que os professores precisam de uma formação melhor para utilizar de forma dinâmica e correta esses aparatos tecnológicos. Em conversa com professores da escola Mário Costa Neto, e através do formulário aplicados para eles, pude observar que muitos professores ainda possuem resistência ao uso de tecnologias, principalmente pela dificuldade de manusear os equipamentos que segundo eles é um processo muitas vezes trabalhoso, que ao invés de ajudar acaba atrasando a aula e dispersando os alunos.

A formação do professor é fator imprescindível para que a escola consiga melhorar a capacidade do cidadão comunicante, uma vez que o professor pode adotar em sua prática cotidiana uma postura que subsidia e estimula o aluno a refletir sobre o que significa comunicar-se em nossa sociedade, como também aprender a manipular tecnicamente as linguagens e a tecnologia. (CHIAPINNI, 2005, p.278).

É fundamental que o professor reconheça a importância e as possibilidades de ensino proporcionado pelo uso das novas tecnologias e assim possa utiliza-las de forma continuada como ferramenta de trabalho em sala de aula. Os alunos da 8ª série, assim como os alunos de outras turmas da escola Mário Costa Neto, que me abordaram por tantas vezes nos corredores da escola me cobrando a participação deles no meu projeto, explicitaram a vontade de usar os computadores da escola e se mostraram abertos e interessados em um ensino nesse formato que se utilize de diferentes meios para aplicação de conteúdo.

Analisando todo o processo descrito nesse trabalho, considera-se que o uso do método da educomunicação como forma de ensino em sala de aula traz bons resultados para os alunos e professores e trouxe muitas contribuições para realização do trabalho de produção de vídeos dos alunos. Apesar dos alunos ainda manterem uma postura relacionada ao modelo tradicional de ensino e os professores da escola apresentarem certa resistência ao uso das tecnologias, e o laboratório de informática não ser utilizado pelos alunos, acredito que o trabalho proporcionou uma significativa mudança na escola, nos alunos e nos professores.

Somente essa pesquisa não é suficiente para afirmar que o uso das novas tecnologias em sala de aula irá melhorar o desempenho e o aprendizado dos alunos da Escola Mário Costa Neto, mas o trabalho com a turma da 8^o série pode trazer reflexões a cerca do interesse e disposição dos alunos para aulas nesse formato. Sugere-se que através das problemáticas encontradas nessa pesquisa, a escola busque compreender as necessidades dos estudantes e professores e construa uma relação mais próxima com os alunos.

REFERÊNCIAS

BELLO, José Luiz de Paiva. **História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro. 2009.

BORTOLIERO, Simone. Mario Kaplún: a recepção como cidadania na América Latina. **Revista Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Metodista, 1996.

_____; ALCÂTARA, Maria. RATTES, Leonardo. Mídia Jovem: a produção de vídeos realizada pelos jovens nos Centros Avançados de Ciência em Salvador, Bahia in: **A Ciência & a Magia da Educação Científica**. Rejâne Maria Lira-da-Silva (Org.) 1º edição. Salvador. EDUFBA, 2006.

_____; BEJARANO, Nelson Rui Ribas; HINKLE, Érica. Das escavações à sociedade: a divulgação científica sob a ótica das crianças de Peirópolis. In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo: Volume 10, set/dez 2005.

BRASIL, Presidência da República Federativa. **Constituição Da República Federativa Do Brasil**.1988.

CHIAPINNI, L. **A reinvenção da catedral**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 278.

CITELLI, Adilson. **Outras linguagens na escola**. São Paulo, Ed. Cortez, 2001.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas Tecnologias na Sala de Aula: Melhoria do ensino ou inovação conservadora?**. *Informática Educativa* Vol 12, No 1, 1999 p 11-24.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. Editora paz e terra, Rio de Janeiro, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KAPLÚN, Mario. *Comunicación Educativa Grupal e Comunicación Participativa*. In: **Revista Medios Educación Comunicación**. Buenos Aires. 1985.

_____. **El Comunicador Popular**. Buenos Aires: 1985.

LACANALLO; SILVA; OLIVEIRA; GASPARIN; TERUYA. **Métodos de Ensino e de Aprendizagem**: Uma Análise Histórica e Educacional do Trabalho Didático. 2011.

Disponível em:

<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT4%20PDF/M%C9TODOS%20DE%20ENSINO%20E%20DE%20APRENDIZAGEM%20UMA%20AN%C1LISE%20HIST%D3RICA.pdf>. Acesso em: 02 de maio de 2013.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo, Edições Loyola.(1998).

LÉVY, Pierre. O hipertexto. In: **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

FRANCO, Marília. Linguagens audiovisuais e cidadania. In **Revista Comunicação e Educação** n. 9, São Paulo, 1997. P. 34.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicação e mediações culturais**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol. XXIII n. 1., 2000.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra Pereira. Mídia e educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008 apud BACCEGA, Maria Aparecida. **Revista comunicação & educação**, Ano XIV, Número 3, 2009.

MEC Ministério da Educação; **Parâmetros Curriculares Nacionais** Ensino Médio; Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2000; p71.

Núcleo de Tecnologia Educacional. Disponível em:

<<http://nte02bahia.wordpress.com/o-nte-02/>>. Acesso em: 20 de junho de 2013.

O PROJETO. **Projeto Ciência Arte & Magia**. Disponível em:

<<http://www.cienciaartemagia.ufba.br/projeto.html>>. Acesso em 20 de junho de 2013.

Portal do Software Público Brasileiro. Disponível em:<<http://www.softwarepublico.gov.br>>. Acesso em: 30 de junho de 2013.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com Futuro: educação e multimídia.** Campinas/SP, Papyrus, 1996.

SANTOS, Clovis Roberto. **Educação escolar brasileira: estrutura, administração, legislação.** São Paulo: Pioneira Thomsom Learning, 2003.

Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Disponível em: <<http://escolas.educacao.ba.gov.br>>. Acesso em: 15 de junho de 2013.

Site do Pedagogia ao Pé da Letra. Disponível em: <<http://www.pedagogiaaopedaletra.com.br>>. Acesso em: 25 de junho de 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação:** a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In contato – Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação n. 2, Brasília, Senado Federal, jan/mar 1999, p.27.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Quando o Educador do Ano é um educador:** o papel da USP na legitimação do conceito. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, Ed. ECA/USP e Ed. Paulinas, ano XIII, n. 3, outubro-dezembro de 2008, pp. 39-52.

_____ **A mediação tecnológica nos espaços educativos:** uma perspectiva educacional. In Revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA/USP-Edições Paulinas, ano XII, no. 1, jan/abril 2007, pp. 31-40.

_____ **Educom. rádio, na trilha de Mario Kaplún.** In MARQUES DE MELO, José et all. Educomídia, Alavanca da Cidadania. SBC, UMESP, 2006, pp. 167-188.

_____ A Educomunicação como processo de gestão comunicativa. In FIGARO, Roseli (org). **Gestão da Comunicação: no mundo do trabalho, educação, Terceiro Setor e cooperativismo.** São Paulo, Ed. Atlas, 2005, p37-49.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DOS PROFESSORES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
Elba Caroline Santos Conceição

Questionário

1. Escolaridade

- Superior incompleto Superior completo
 Pós Graduação Mestrado

2. Quais Tecnologias são utilizadas em sala de aula?

- Data Show Vídeo Sites
 Musica Jornal Revista

Outros _____

3. Porque utiliza essas tecnologias?

- melhorar o aprendizado em sala de aula.
 maior participação dos alunos em aula.
 maior atenção a aula.

Outros _____

4. Fez alguma capacitação para utilização de novas tecnologias em sala de aula?

- programa do governo contra própria

Outros _____

5. Quais tecnologias a escola dispõe para os professores?

6. A escola incentiva os professores a utilizar essas tecnologias?

7. Como classifica a utilização desses suportes em seu método de ensino?

8. Tem alguma resistência a usa de tecnologias em sala de aula?

APÊNDICE B – FOTOS DE REGISTRO

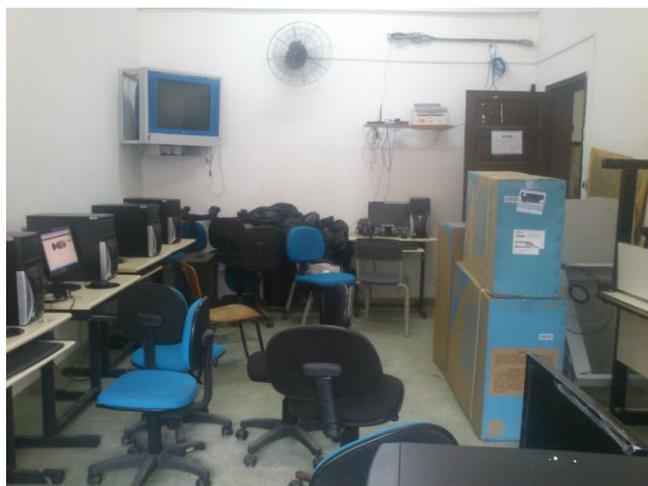
Reunião de equipes dos curtas



Exibição de vídeos em sala



Edição de vídeo 1.



Laboratório de informática



Edição de vídeo



Gravação de vídeo-Guerra do contestado

APÊNDICE C – VÍDEOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

ANEXOS

ANEXO A – VIDEOS APRESENTADOS AOS ALUNOS

A GUERRA DO CONTESTADO - NINO PASA. Publicação: Nino Pasa. A Guerra Do Contestado. 2012. (3min46seg). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=yl7CuiqUQ6I>>. Acesso em: 02 de maio de 2013.

A REVOLTA DA CHIBATA NA NOVELA LADO A LADO. Publicação: KambaRace. Direção original: Dennis Carvalho. Emissora: Rede Globo. 2013 (2012). (1min35seg). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=0B-9hVN9wg0>>. Acesso m: 02 de maio de 2013.

CANUDOS - "GUERRA DE DEUS E DO DIABO". Publicação: Rafael Vieira. Produção: Fundação Joaquim Nabuco; Ministério da Cultura. Brasil 500 anos. 2007. (10min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=o7TAXhm4kss>>. Acesso em: 02 de maio de 2013.

TRABALHO CANGAÇO, LAMPIÃO E MARIA BONITA. PUBLICAÇÃO: KENNEDY REIS. TRABALHO CANGAÇO - ORDEM E PROGRESSO. 2010. (8MIN36SEG). DISPONÍVEL EM: <<http://www.youtube.com/watch?v=cfj9edugxiw>>. Acesso em: 02 de maio de 2013.

TRABALHO DE HISTÓRIA - REVOLTA DA VACINA. Publicação: Felipe Santiago. Produção: Caio Cesar; Felipe Santiago. Trabalho de História - revolta da vacina. 2011. (13min38seg). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=NsfAhBCC6a0>>. Acesso em: 02 de maio de 2013.